



UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

FaE Faculdade de Educação da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA

Casa de Cultura Xakriabá

Lugar de conhecimento, cultura, memória e história.

Erick Correa de Alkimim
Marilene de Oliveira Santos

Belo Horizonte
Maio de 2019



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

FaE Faculdade de Educação da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA

Casa de Cultura Xakriabá

Lugar de conhecimento, cultura, memória e história.

Erick Correa de Alkimim

Marilene de Oliveira Santos

Projeto de percurso Acadêmico apresentado
ao curso de licenciatura em formação
Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientador: Ana Maria R. Gomes

Co-orientador: Fernanda G. de Oliveira Cruz

Belo Horizonte

Maio de 2019

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, a todo povo Xakriabá, caciques, lideranças e em especial em memória o saudoso Sr. Valdim, uma pessoa que sempre acompanhou o FIEI, como membro fiel ao colegiado de graduação, também aos nossos professores indígenas, aos nossos professores de curso, bolsistas, orientadora Ana Gomes que nos deu o incentivo de fazer a pesquisa e também a nossa co-orientadora Fernanda que nos ajudou.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a DEUS, pela oportunidade nos estudos, ao meu esposo Joel e meus filhos Brenda e Davi pela paciência e ter tido forças para suportar minha ausência, aos meus pais João Batista e Leotina, aos meus irmãos, tios, avós, sogros e cunhadas (os) porque eles são a base de tudo para que diante das dificuldades eles me deram força para continuar estudando, as liderança da aldeia Custodio pela confiança e aos colegas de trabalho por ter me ajudado durante a minha ausência .

(Marilene)

Agradeço primeiramente a Deus (tupã), pela oportunidade e pela força de estrar nesse curso, a minha esposa Thaianne Lopes, minhas filhas Emilly Wayrê e Emanuely Tkady, a todos meus familiares, pois a família e à base de tudo e eles que nos dá forças para continuar diante das dificuldades.

(Erick)

Agradecemos também aos nossos caciques e lideranças pela luta e resistência de estar sempre em busca dos nossos direitos.

Aos nossos entrevistados pela força e confiança que nos deram para a conclusão do nosso trabalho, a nossa orientadora Ana Gomes e ao Roberto Monte-Mor, aos professores do curso que com muito amor compartilharam troca de saberes e conhecimento, em especial: Célio Silveira, Marcos Vinicius Bortolos, Marina Tavares, Juarez Melgaço, Katia Pedroso e aos nossos bolsista que são muitos especiais, ao colegiado, e a UFMG por ter nos dado a oportunidade de ter o espaço de aprendizado, aos nossos colegas de cursos Xakriabá, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hãe e Guarani.

SUMÁRIO

RESUMO	7
APRESENTAÇÃO DOS AUTORES.....	8
Trajetória escolar.....	8
O surgimento das escolas indígenas	8
A importância das escolas indígenas.....	9
Minha participação na aldeia	9
Minha Família.....	10
Meu trabalho na aldeia	11
CAP. 1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Apresentação Do Problema, Justificativa E Objetivos.....	13
1.2. Terra Indígena Xakriabá.....	14
1.2.1 Mapa da Terra Indígena Xakriabá	14
1.2.2 Mapa do Território Xakriabá (Delimitado)	15
1.3. Localização Da Casa De Cultura Xakriabá E Das Mini-Casas De Cultura	16
CAP 2. CASA DE CULTURA XAKRIABÁ: reconstruindo a história e a memória a partir das aldeias.	18
2.1 Narradores Da História E Memória Da Casa De Cultura Xakriabá.....	18
2.1.1 Qual a importância de entrevistar essas pessoas?.....	18
2.2 Casa De Cultura Xakriabá: Linha Do Tempo	21
2.2.1 Primeira fase: como foi pensada (2004)	21
2.2.2 Segunda fase: como foi construída (2006-2010)	26
2.2.3 Terceira fase: como está sendo utilizada ao longo dos anos (2008 a 2018)	31
O sentido da Casa Cultura Xakriabá hoje	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
ANEXOS.....	39
Anexo I: Entrevistas	39
Anexo II- Reforma da Casa de Cultura Xakriabá.....	87
Anexo III-Situação atual da Casa de Cultura Xakriabá, deterioração a serem recuperados,	

melhorados ou substituídos.	92
Anexo IV- Analise das documentações do projeto.....	94

Resumo

A Casa de Cultura Xakriabá é um local de grande importância para o povo não só em espaço físico, mas também em cultura e espiritualidade. Este trabalho teve como principal foco a recuperação da história da Casa de Cultura Xakriabá, localizada na aldeia Sumaré I da Terra Indígena Xakriabá (Município de São João das Missões, norte de Minas Gerais). Aqui também valorizamos as pessoas envolvidas no mesmo. Relatamos as entrevistas das primeiras conversas com o idealizador e uma liderança antes do projeto; entrevistas nos dias atuais. Destacamos aqui também muitos documentos que analisamos do projeto Casa de Cultura e alguns dos projetos vinculados como ponto de Cultura Loas e Mini Casas de Cultura. Investigamos o porquê foi feita essa construção da Casa de Cultura Xakriabá: como foi pensado, como foi construído e como está sendo utilizado no decorrer do tempo. Este é um trabalho inédito sobre o tema, e usado como uma das formas de não deixar esse grande projeto e sua história acabar, podendo também ser usado em sala de aula nas aldeias Xakriabá, aguçando nos jovens e crianças a importância do projeto Casa de Cultura Xakriabá. Esse trabalho também vem a ser uma ponta de ligação para busca de investimentos para fazer a reforma geral da casa e assim ajudar a manter esse grande patrimônio para nosso povo; instituir um grupo de apoio e gestão permanente para contribuir com a manutenção e desenvolvimento de atividades que possibilitem movimentar a Casa de Cultura Xakriabá e ainda fortalecer as ideias iniciais do projeto para cada bloco.

Palavras chave: Casa de cultura Xakriabá história indígena; memória indígena.

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

Meu nome é Marilene de Oliveira Santos, nascida em 26 de outubro de 1988. Sou do signo de escorpião, nasci na Aldeia Barreiro Preto. A minha infância foi vivida na aldeia Sumaré III, foi nesta aldeia que morei até os meus 17 anos de idade. Sou filha de Joao Batista dos Santos e Leotina de Oliveira Santos, somos em 11 irmãos. Atualmente moro na Aldeia Sumaré I, sou casada com Joel Gonçalves de Oliveira, sou mãe de dois filhos a Brenda Tikawane e Davi Tairone.



Trajetória escolar

Minha trajetória escolar iniciou com os meus 6 anos de idade. Os meus primeiros professores foram o Robson, Luiz, e a Maria José. Eu estudava na escola da aldeia Sumaré 2, que neste tempo era do município de Itacarambi. Foram 2 anos de sofrimento enfrentando perigo, chuva, sol quente, por ser criança apanhava muito dos outros alunos.

Em 1997, os pais de alunos da nossa comunidade reuniram e levantaram um barraco na nossa comunidade na aldeia Sumaré 3. Esse barraco era coberto de palha de coco, e foi neste tempo que chegou a 1ª turma do magistério indígena. Foi neste tempo que a professora Cilene começou a trabalhar na nossa aldeia.

O surgimento das escolas indígenas

O programa implantação das escolas indígenas em Minas Gerais (PIEI) projeto de extensão desenvolvidos pela Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais e em parceria com a FUNAI e o IEF. Teve o início em 1995 e continua até hoje, sendo fruto das reivindicações dos povos indígenas.

Durante a criação do (PIEI), nossos povos indígenas exigiram do estado uma escola que fosse pública, porém diferenciada, com professores em nível do magistério para que eles pudessem assumir a organização de suas escolas.

Em 1995 escolheram a 1ª turma para fazer o curso do magistério no Parque Florestal do Rio Doce. As etapas ocorreram semestralmente coincidindo com o recurso das escolas indígenas.

Quando a 1ª turma começou a trabalhar, os professores eram contratados pelo município e só alguns meses depois a escola passou a ser pelo estado.

A importância das escolas indígenas

Pra mim a escola indígena é muito importante, pois é um espaço onde os professores indígenas passam a reforçar a identidade do povo para a que cultura seja conhecida e respeitada por todos.

É importante que o professor tenha conhecimento, compromisso para trabalhar a educação do seu povo. Ele tem, também, o objetivo de aperfeiçoar a educação diferenciada, transmitindo o conhecimento valorizando os direitos dos indígenas.

A nossa escola indígena tem um duplo conhecimento que é de uma escola normal e um diferenciado. As escolas tem o dever de preparar o aluno para a vida social, conhecendo dentro e fora da aldeia, sabendo buscar solução junto a comunidade para resolver os problemas.

Minha participação na aldeia

Desde os meus 14 anos que participo das reuniões da comunidade, sou membro da associação indígena aldeia barreiro preto, participo das oficinas do ponto de cultura loas.

O meu trabalho na escola e de forma mais no resgate dos conhecimentos tradicionais, com o calendário sociocultural, que e uma forma onde o aluno tem contato com a realidade. Participei da retomada na aldeia caraíba, dos seminários que acontece todo ano na aldeia brejo mata fome para discutir os nossos direitos indígenas.

Meu nome é Erick Correa de Alkimim, nascido no dia 22 de janeiro de 1994, filho de Edvaldo Gonçalves de Oliveira e de Cleodénir Correa de Oliveira. Moro atualmente na Aldeia Sumaré I município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Nasci no Distrito de Guaianases em São Paulo – SP. Aí começou a minha história de vida, minha mãe me teve muito nova com mais ou menos uns 14 anos de idade e meu pai também era muito novo. Eram duas pessoas que não tinham muita noção do que era ter um filho e quando eu tinha



aproximadamente um ano de idade meus pais se separaram. Minha mãe ficou comigo, mas ela não tinha condição financeira para cuidar de mim e então fui morar com minha avó (mãe de meu pai) na aldeia Sumaré onde vivo até hoje. Eu, com um ano e um mês de idade, conheci o que era liberdade: cheguei à aldeia sem saber andar e já no primeiro dia comecei a dar os primeiros passos pelo território que hoje é meu lugar de morada.

Comecei a estudar na aldeia, a minha turma era muito seriada, era uma forma muito ruim de aprender, pois tinha muita diferença no nível de cada aluno. Um dos meus melhores momentos foi a minha formatura do ensino fundamental, que aconteceu na aldeia Riacho dos Buritis no ano de 2010. Foi um momento muito bom. Eu formei no território e teve muita comemoração na formatura, fiquei muito feliz, pois estava com meus amigos e minha família. A época que eu mais me dediquei aos estudos foi no ensino médio, me dediquei ao máximo tirei muitas notas boas e recebi muitos elogios. Fiquei feliz com isso, mais no 2º bimestre do 3º ano do ensino médio eu tive que ir para fora da aldeia para ir estudar e trabalhar. Mais foi por questões financeiras. Eu fui morar em São João das Missões e estudei na escola Aline Dias Neves.

Minha Família

Meu pai e minha mãe estão separados há muito tempo. Desde que eu era criança, passei muito tempo sem notícias da minha mãe, mas hoje converso e sempre tenho notícias dela que mora no estado do Paraná. Já o meu pai mora na aldeia

Sumaré I e atualmente é professor de cultura. Eu sempre morei com meus avós paternos desde quando eu fui pra aldeia com um ano e um mês. Eles foram grandes pessoas que fizeram parte da minha vida por isso eu os chamo de pai e mãe.

Hoje estou casado com Thaiane Lopes da Silva e tenho duas filhas que se chamam Emily Wayrê e Emanuely Tkady, que estão mudando minha vida. Elas estão me fazendo ser uma pessoa mais responsável e compreensiva. Estou muito feliz com minha família. Hoje vejo que minha vida tomou um rumo melhor e agradeço a Deus por isso.

Meu trabalho na aldeia

Comecei a trabalhar na construção da Casa de Cultura Xakriabá junto com meu primo Odair. Trabalhava todo dia, o dia inteiro e estudava a noite. Mais foi logo o projeto acabar que fiquei sem emprego. Passou um tempo eu tive que ir trabalhar fora da aldeia, que foi em 2013. Mas no final de 2014 consegui um emprego de professor do ensino fundamental, na aldeia Custodio território Xakriabá. Fiquei muito feliz, pois iria ter uma grande experiência. Confesso que fiquei com medo no início, mas no final das contas eu gostei bastante e foi o que eu me identifiquei. Já no início de 2015, a direção da escola e as lideranças me indicaram para um cargo na minha aldeia e eu trabalhava como ATB na secretaria da escola Bukinuk. No início do ano de 2018, eu fui indicado para trabalhar na aldeia Caatinginha como professor do ensino médio e trabalho com as disciplinas de Física, Química e Biologia. O ensino médio funciona vinculado à escola sede da aldeia Sumaré I, Escola Estadual Indígena Bukinuk.

Minha Participação na Aldeia

Sempre participei dos movimentos da aldeia e do território. Eu participei do ponto de Cultura Loas na parte de organização das oficinas e na prestação de contas. O ponto de cultura foi um dos lugares em que eu mais aprendi coisas novas. Também participei de muitas oficinas como produção de sabão, edição de web site, vídeo e áudio, produção de cerâmica, entre outras. Participei de grandes movimentos como festa do índio e retomada das terras nas Caraíbas. A festa do índio acontece dia 19 de

Abril todo ano na aldeia Brejo Mata Fome, e nas Caraíbas também acontece uma comemoração todo ano dia 01 de Setembro.

Participo das noites culturais e movimentos da escola, além de participar de um terço religioso dos homens que acontece todo dia domingo na igreja da aldeia Sumaré I. Atualmente estou participando de um grupo de jovens que está sempre antenado com o que acontece no território e participando das reuniões de discussões de diversos temas de interesses do nosso povo.

CAP. 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal a recuperação da história da casa de cultura Xakriabá, que aqui está sendo contada para entender também o processo de idealização, construção e uso. Também, valorizamos aqui as pessoas envolvidas. Identificamos aqui os parceiros envolvidos, ou seja, financiadores do projeto. Destacamos também os benefícios adquiridos através da Casa de Cultura, como por exemplo, Ponto de Cultura Loas, Rádio Xakriabá, oficinas de artesanato, entre outros.

Este trabalho também vem a ser uma referência (inspiração), a novos projetos que valorizem a cultura tradicional Xakriabá, seja no incentivo à cultura, na valorização das técnicas de construção tradicionais, ou como uma ponte de ligação em busca de investimentos para uma reforma geral da casa, ajudando assim, a manter esse grande patrimônio para nosso povo, fortalecendo a importância que a Casa de Cultura Xakriabá tem.

1.1 Apresentação do Problema, Justificativa E Objetivos

O nosso interesse em estudar a história desse projeto, é deixar aqui registrado a grande importância que o mesmo representa para nosso povo. Também, foi por ter participado anteriormente em um projeto vinculado ao da Casa de Cultura, que foi o projeto Ponto de Cultura Loas Xakriabá. O projeto Loas tem como finalidade registrar a cultura do nosso povo, as danças, os cantos, os rituais, entre outros. Esse registro foi feito através de máquinas de filmagem, fotografia e gravação de áudio, deixando assim arquivado para as futuras gerações. Participamos em diversas atividades, como coordenadores e aprendizes nas oficinas. Nesse tempo havia muita participação dos jovens da comunidade que iam aprender sobre reciclagem, filmagens, fotografias, gravação de áudio etc. Então, veio à nossa ideia de pesquisar sobre o tema.

Este trabalho vai ajudar a valorizar essa construção que aos poucos vem sendo esquecida pelo povo Xakriabá, pois não tem ninguém que tome conta da manutenção desse projeto e ele vem sendo degradado pelo tempo, os cupins corroendo as madeiras e muito mais.

Essa pesquisa também vai colaborar para que a valorização da Casa de Cultura seja mostrada para as lideranças e as comunidades e assim fazendo com que todos juntos busquem parceiros para fazer a manutenção dessa obra de grande importância para nosso povo.

1.2. Terra Indígena Xakriabá

1.2.1 Mapa da Terra Indígena Xakriabá



Imagem 1: Mapa da Terra Indígena Xakriabá Fonte: Conflitos 2013

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais e aproximadamente 750 km da capital Belo Horizonte. A TI Xakriabá se encontra hoje com cerca de 53 mil hectares, distribuída em 36 aldeias.

A população Xakriabá, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 2003 era de aproximadamente 6.500 habitantes. Mostramos esses dados para ver o aumento da população de 2003 até 2017.

De acordo com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) indicou que em 2017 esse número era de aproximadamente 10 mil habitantes. Em 14 anos podemos perceber que o número de indígenas Xakriabá, teve um aumento significativo.

1.2.2 Mapa do Território Xakriabá (Delimitado)

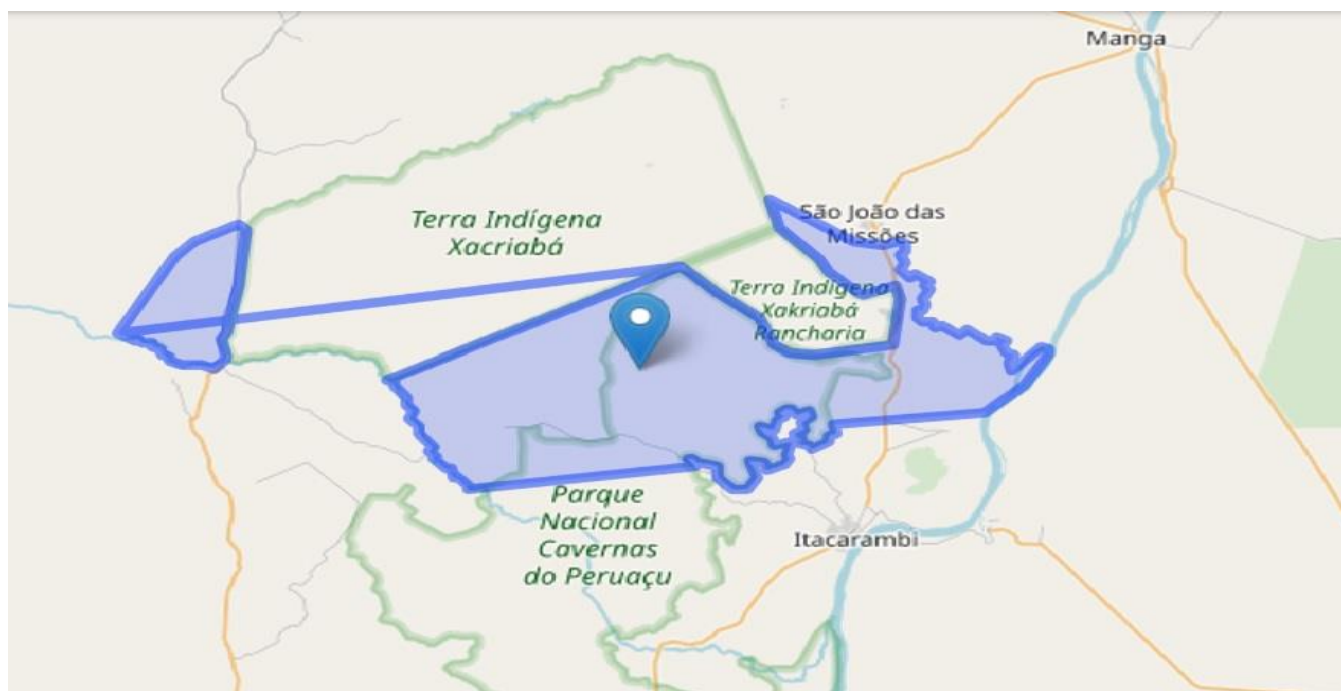


Imagem 2: Mapa do Território Xakriabá (delimitado) Fonte: site da FUNAI

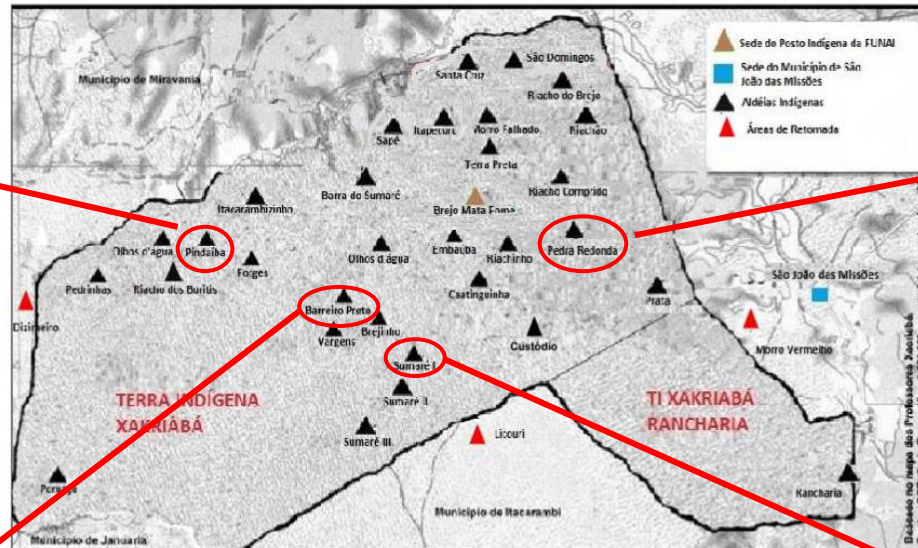
Também citamos aqui a parte da TI Xakriabá que está em processo nas instâncias governamentais, ou seja, já está delimitada, de acordo com site da (FUNAI). Esse território em processo é de cerca de 43 mil hectares, com isso a terra indígena, assim que for toda regularizada, somará 96 mil hectares aproximadamente, e assim realizando o sonho do povo Xakriabá de seu território ser banhado de fato pelo Rio São Francisco. Mas de acordo com o cacique Domingos Nunes de Oliveira, essa é apenas a metade do território Xakriabá, que seria de cerca de 200mil hectares.

Hoje, vendo que o Território está bastante amplo e populoso, podemos dizer que toda população tem como referência a Casa de Cultura Xakriabá, localizada na aldeia Sumaré I, sendo conhecida hoje por praticamente toda população do Território Xakriabá. Essa referência serve como um grande incentivo à união, prática cultural e espiritual do nosso povo. Percebemos, então, que ela vem a ser uma peça essencial e de grande importância.

1.3. Localização Da Casa De Cultura Xakriabá E Das Mini-Casas De Cultura

A Casa de Cultura Xakriabá está localizada na Aldeia Sumaré I, Terra Indígena Xakriabá, município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Essa obra se localiza aproximadamente no centro do território, e por isso é um ponto muito conhecido por todos. A partir da construção da Casa de Cultura Xakriabá (mãe como é chamada), veio as Mini Casa de Cultura (as filhas como são chamadas), que são três ao todo: uma na sub-aldeia Veredinha, que faz parte da aldeia Barreiro Preto; outra na aldeia Pedra Redonda e a última na aldeia Pindaíbas. Elas tem a função de ajudar a fortalecer a cultura no território, já que nem todas as pessoas das aldeias distantes da casa mãe conseguem estar com frequência participando das atividades que acontecem nela.

Mapa do Território Xakriabá



Mini Casa de Cultura
Aldeia Pindaíba



Mini Casa de Cultura
Aldeia Pedra Redonda



Mini Casa de Cultura
Aldeia Barreiro Preto – sub - aldeia Veredinha



Casa de Cultura Xakriabá
Aldeia Sumaré I

Imagem 3: Mapa do Território Xakriabá com a localização da Casa de Cultura e das Mini Casa de Cultura
Fonte: Adaptado de oliveira (2008); acervo Ponto de Cultura Loas.

CAP 2. CASA DE CULTURA XAKRIABÁ: reconstruindo a história e a memória a partir das aldeias.

2.1 Narradores Da História e Memória Da Casa De Cultura Xakriabá.

2.1.1 Qual a importância de entrevistar essas pessoas?

1ª Entrevista – Edvaldo



Nome: **Edvaldo Gonçalves de oliveira**

Idade: **48 anos**

Formação: **Língua Arte e Literatura**

Profissão: **Professor de Cultura**

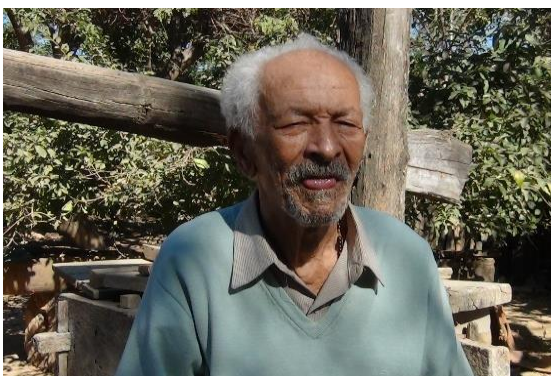
Data da entrevista: **04/07/2018**

Aldeia: **Sumaré I**

Imagem 4 - Fonte: Próprios autores.

Edvaldo – por ser uma das pessoas mais envolvidas na construção, ele é como um dos principais idealizadores do projeto é também um artesão influente na aldeia.

2ª Entrevista – Sr. José



Nome: **José Gonçalves Alkimim**

Idade: **89 anos**

Profissão: **Aposentado**

Data da entrevista: **04/07/2018**

Aldeia: **Sumaré I**

Imagem 5 - Fonte: Próprios autores.

Sr. José – a pessoa que cedeu o terreno para a construção da Casa de Cultura, e também é uma das pessoas mais velhas da aldeia, e que apoiou o projeto.

3ª Entrevista – Odair



Nome: **Odair Fernandes Pimenta**

Idade: **39 anos**

Formação: **Ensino médio**

Profissão: **Construtor (Pedreiro)**

Data da entrevista: **10/08/2018**

Aldeia: **Barreiro Preto**

Imagem 6 - Fonte: Próprios autores.

Odair – foi o pedreiro que esteve de frente da construção como encarregado chefe, do início até o fim do projeto.

4ª Entrevista – Sr. Levino



Nome: **Levino Gomes de oliveira**

Idade: **70 anos**

Profissão: **Aposentado (Liderança da aldeia)**

Data da entrevista: **04/11/2018**

Aldeia: **Sumaré I**

Imagem 7 - Fonte: Próprios autores.

Sr. Levino – liderança da aldeia acompanhou o andamento do projeto desde o início e esteve presente em muitas reuniões do mesmo.

5ª Entrevista – Joel



Nome: **Joel Gonçalves de Oliveira**

Idade: **33 anos**

Formação: **Ciências Sociais e Humanidades**

Profissão: **Professor do Ensino Médio**

Data da entrevista: **25/08/2018**

Aldeia: **Sumaré I**

Imagem 8 - Fonte: Próprios autores.

Joel – Professor na aldeia e esteve presente no projeto. Também, de frente do projeto Ponto de Cultura Loas, foi à pessoa responsável pelo registro do projeto desde o início. Acompanhava as pessoas que vinham visitar o projeto explicando o que é o propósito do mesmo.

6ª Entrevista – Sr. Nicolau



Imagem 9 - Fonte: Próprios autores.

Nome: **Nicolau Gonçalves Alquimim**

Idade: **48 anos**

Formação: **Ensino fundamental**

Profissão: **Professor de Cultura**

Data da entrevista: **06/08/2018**

Aldeia: **Vargens**

Nicolau – o ex-presidente da AIXABP que na época da construção foi o presidente da Associação e recebeu o recurso financeiro para executar o projeto Casa de Cultura Xakriabá.

7ª Entrevista- Roberto Monte Mor

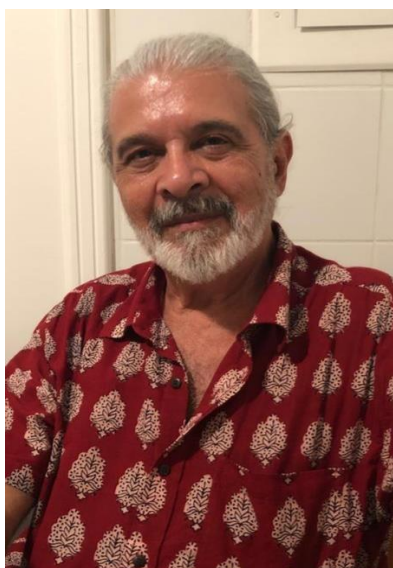


Imagem 10 - Fonte: Próprios autores.

Nome: **Roberto Luís de Melo Monte-Mor**

Idade: **72 anos**

Formação: **Arquiteto, pós-graduação em Planejamento Urbano e regional, professor de Economia.**

Profissão: **Professor na Faculdade de Economia e na pós-graduação de Arquitetura, pós-graduação de Ciências Agrárias de Montes Claros UFMG, Pós-graduação na CDPLAN.**

Cidade: **Belo Horizonte - MG**

Data da entrevista: **16/04/2019**

Roberto Monte Mor – foi o arquiteto que esteve responsável pelo projeto e construção da Casa de Cultura.

2.2 Casa De Cultura Xakriabá: Linha Do Tempo

Esta parte do nosso trabalho está dividido em três fases, por conta do melhor entendimento no decorrer da leitura de cada uma delas. A primeira fase mostra como a casa foi pensada, idealizada e como as oficinas e atividades com artesanato contribuiu para isso. Na segunda fase está a parte da construção da casa, que nos mostra como ela foi construída, quem a construiu, quais materiais foram utilizados, onde foram adquiridos esses materiais e como as características de nós Xakriabá foram colocadas ali. Por último, vem à fase de uso, que mostra que a casa não é usada como foi pensada e sim de forma ainda melhor, fortalecendo a união, participação dos jovens, cultura, histórias e memória dos mais velhos.

2.2.1 Primeira fase: como foi pensada (2004)

No ano de 2004 iniciaram as primeiras idealizações do projeto e assim as primeiras conversas com as lideranças e a comunidade. O projeto casa de cultura Xakriabá resulta da parceria: Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Província de Modena (Itália) e do ISCOS (Instituto de Cooperação Internacional da central sindical Italiana CISL) Emília – Ramagna, com o patrocínio da Universidade de Modena e Reggio Emília e com apoio da Prefeitura Municipal de São Joao das Missões.

Nessa época a UFMG com a parceria com a comunidade e a associação agente foi discutindo como que era a forma de executar esse projeto na base porque tinha toda parceria dos bolsista com pessoal da UFMG que faziam parte do projeto que o pessoal da Itália repassava o recurso para ANAI e ANAI repassava para associação, então o meu conhecimento já foi o projeto já em execução porque a partir que veio aqui que começamos discutir o projeto fizemos a roda de conversa de conhecimento daqui do local um sonho que o povo tinha, então esse sonho foi realizado então o primeiro passo foi sentar e fazer a roda de conversa. (Nicolau)

Em abril de 2005 foi apresentada a proposta do projeto a um anseio de muito tempo já discutido pelo povo Xakriabá e que contribuíra para o fortalecimento da cultura local, além de fortalecer a troca de conhecimento entre as gerações,

principalmente no artesanato produzido pelo povo Xakriabá. Na fala do professor Edvaldo (Dé) reforça a ideia da proposta e a aceitação do povo:

Quando eu falei da ideia da casa de cultura foi bem aceito e aí só restou eu correr atrás juntamente com os demais parceiros que ajudou agente no projeto também que teve o Joel, Adimar na época o Mauro também que era professor na época e tem mais alguns que ajudaram, no momento não me lembro de todos que envolveu. (Edvaldo)

Pensou-se também esta proposta da Casa de Cultura como contribuiria para a economia local, gerando meio de sobrevivência, sem separa sobrevivência e arte. O espaço foi integrado às atividades escolares contribuindo assim para o aprendizado diferenciado nas escolas.

Na época a gente achava inclusive que tinha três pilares principais eu diria que tava se pensando a economia, uma era essa venda pra fora pra conseguir dinheiro a gente chama de base exportadora seria duas coisa principais o artesanato de um lado e a outra a produção de alimentos ou de coisa tipo favela (fava), chegamos a pensar em medicina fitoterápica também nessa coisa produção de alimentos seria exportadora mais interna por que a ideia principal era vender alimentos para as escolas, então isso era coisa principal e a outra era essa do resgate construtivo que podia significar, não deixar que o dinheiro saísse isso é uma coisa que continua. (Roberto)

Em agosto de 2006 os parceiros Maurizio Maletti (vice-presidente da Província de Modena) e Mariangela Bastico (vice-ministra da Educação da Itália) vieram para conhecer os Xakriabá acompanhados com o professor Adilson Caetano (representante das associações comunitária Xakriabá) e tratar do acordo de cooperação. Em visita a São João das Missões foram recebidos pelo prefeito Xakriabá José Nunes de Oliveira. Mais tarde dentro do Território Indígena, foram recebidos com honras cerimoniais e troca de presentes pelo cacique Domingos e o Pajé Sr. Emilio, na Aldeia Pedra Redonda.

“Gostaríamos de fortalecer e transmitir nossa cultura e esse acordo transforma um sonho antigo em realidade. Precisamos de espaço para valorizar nossas raízes”. (Adilson Caetano) Fonte: Boletim da UFMG, site UFMG, 21/08/2006.



Imagem 11: Cerimônia de assinatura do termo de colaboração em agosto de 2006.
Fonte: Site UFMG.

Na aldeia Barreiro Preto, em uma reunião festiva, o projeto foi apresentado novamente à comunidade e o termo foi assinado. Os parceiros ainda conheceram o terreno da Casa de Cultura, na aldeia Sumaré I, onde o professor Rogério Godoy começava os trabalhos com a cerâmica. A visita de Mariangela Bastico e Maurizio Maletti e a assinatura do termo de colaboração entre UFMG, província de Modena e associações Xakriabá chamaram a atenção da universidade para os povos indígenas de Minas Gerais. Na ocasião do acordo, o Reitor Ronaldo Pena anunciou a reserva de vagas para indígenas nos cursos de graduação.



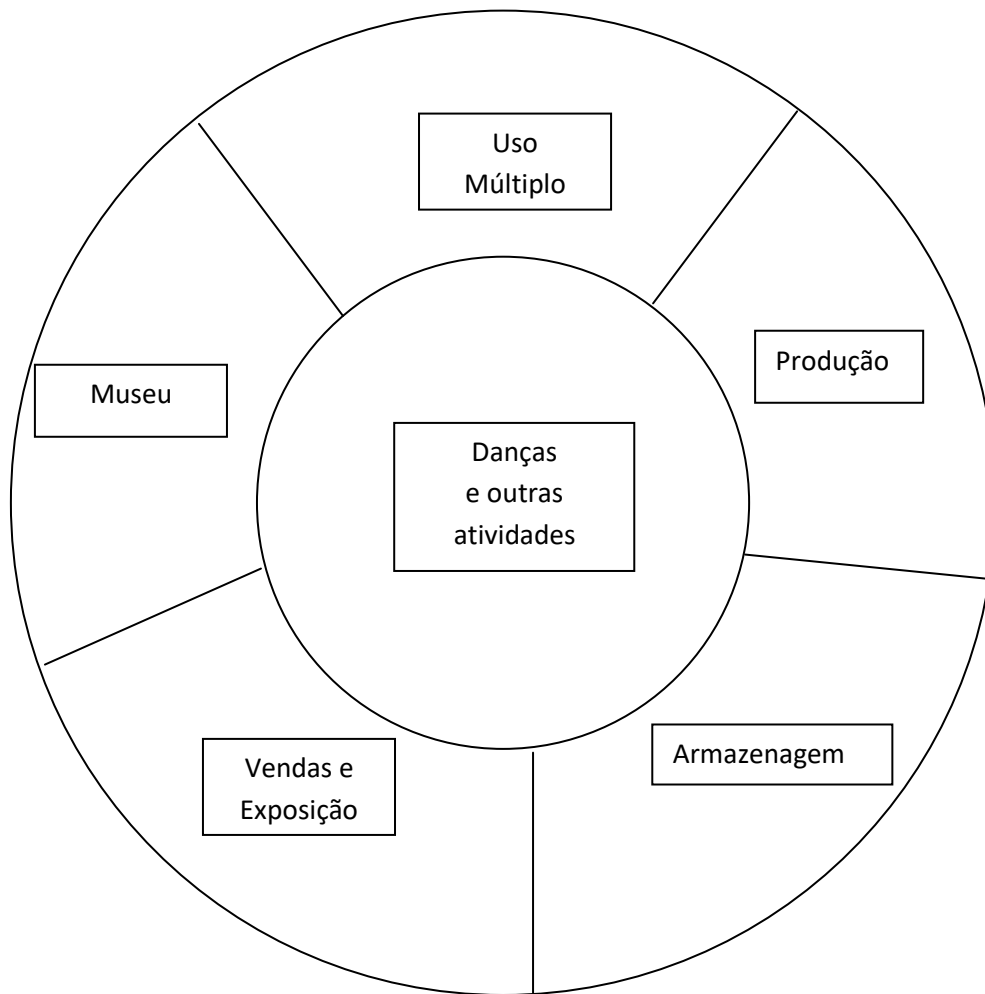
Imagem 12: Visita dos Italianos ao povo Xakriabá. – Fonte: Projeto Casa de Cultura.



Imagem 13: Cerimônia de recepção. – Fonte: Projeto Casa de Cultura.

Descrição da proposta da Casa de Cultura

Na discussão, definiu-se que a Casa de Cultura deverá ser uma construção redonda, com os seguintes aspectos e funções:



- No espaço de PRODUÇÃO seriam instaladas as máquinas, tornos, equipamentos e ferramentas sendo também o local de aprendizado. Lá os jovens poderiam aprender a desenvolver artesanatos e outras peças de arte, e os artesãos de toda a área Xacriabá poderiam usar o espaço para a confecção de seus produtos.
- No MUSEU, haveria exposição de objetos antigos recolhidos na área indígena – móveis, armas, utensílios, fotos, etc. – exposição de produtos artesanais, de plantas e remédios medicinais e terapêuticos e guardaria também os estudos e levantamentos sobre o povo Xacriabá: teses, dissertações, monografias, artigos, levantamentos da FUNAI e de outras instituições, além de outras publicações que tratem dos Xacriabá. No Museu, nenhum objeto estaria à venda.

- O espaço de USO MÚLTIPLO seria um lugar para leituras, aulas de teatro, reunião da comunidade, exibição de filmes e documentários, além de ser usado como um local para que os mais velhos possam contar histórias e passagens da vida Xakriabá.
- O espaço de ARMAZENAGEM seria usado para guardar sementes, madeiras, produtos em elaboração, ferramentas e todos os instrumentos necessários para ensinar e produzir.
- O espaço de VENDAS E EXPOSIÇÃO manteria um mostruário para ser vendido, de todos os produtos e atividades relacionados com a Casa de Cultura. Haverá uma ligação da Casa de Cultura com a Casa de Medicina, pois os remédios produzidos deverão ser expostos e vendidos também na Casa de Cultura, reafirmando uma visão bem determinada sobre a importância cultural e histórica do conhecimento da flora local.
- No centro da construção, foi pensado um local para realização de DANÇAS e dos rituais espirituais e religiosos, como o Tóre. Servirá também como um espaço de reuniões comemorativas e festas.



Imagem 14: Dialogo entre Prof.ª Ana Gomes UFMG e Prof. Edvaldo Xakriabá sobre o projeto. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 15: Dialogo entre Prof.ª Ana Gomes UFMG e Pajé Sr. Emilio Xakriabá sobre o projeto. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

Na ideia inicial, seria cobrada uma taxa aos visitantes que visitassem o espaço do museu, essas pessoas também iriam ser os que fortaleceriam assim a venda dos artesanatos que estariam à venda.

Na parte da construção foi pensada a possibilidade de contratar uma pessoa que dominasse as técnicas de pedreiro, eletricista e carpintaria, e também possibilidades da interação da comunidade através de mutirão. Na manutenção do projeto uma pessoa iria ficar responsável partindo, desde a manutenção de reparos simples a recepção dos visitantes que viriam a conhecer o espaço. No material de construção do projeto foi idealizado que a maioria dos materiais seria comprada na região, como telhas, tijolos e material para pinturas fortalecendo assim a produção de materiais locais, que vem sendo perdida pelo fato de a população estar comprando esses materiais na forma industrializada de fora do território.

2.2.2 Segunda fase: como foi construída (2006-2010)

Através das entrevistas com as pessoas envolvidas no projeto, principalmente com Odair, o pedreiro responsável pela obra, podemos nos direcionar a entender melhor essa fase do projeto e assim esclarecer algumas dúvidas nossas e de muitas pessoas que puderam presenciar essa construção.

A construção se inicia com o encontro de muitas pessoas no local da construção, lideranças, pajé, professores, comunidades em geral. Nesse momento houve o benzimento do local, pois o nosso povo valoriza muito a parte espiritual das coisas, daí veio o que os nossos lideranças falaram que essa casa não é só local para apresentação cultural, mas sim um lugar de grande espiritualidade.

O pessoal vinha benzer o lugar aqui aí sempre que agente reunia para falar da casa de cultura o pessoal explicava como foi projeto. Eu presenciei umas duas vezes seu Emilio, Vicente eles vinha com um grupo aqui no local ainda era mata, o terreno ele um pouco acidentado se vê que a casa de cultura está no pouco mais baixo do nível daqui que nós estamos aqui ele era declivado o terreno eles vieram escolheram esse lugar a casa de cultura vai ser aqui ai benzeram o lugar aqui, desde a marcação do ponto onde iam ser a construção agente considera como um lugar sagrado. (Odair)



Imagem 16: Senhor Emilio fazendo o benzimento. –
Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 17: Comunidade participando do benzimento. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

Teve também a terraplanagem do local que inicialmente foi feita com enxadão e eles perceberam que não iria dar conta, mas como as coisas vinham acontecendo de acordo o andamento do projeto, apareceu um trator na região e então eles o chamaram para fazer esse processo da terraplanagem.

Essa construção veio bem diferenciada, quando falou uma casa de cultura uma casa grande eu falei é moleza levanta com bloco deitado coloca uns pilarzão bonito, mas não era assim nos que uma obra com características indígena uma obra diferenciada do que vocês estão acostumado a ver lá na cidade que você trabalhou lá em missões e tau. (Odair)

A equipe responsável pela construção teve uma preocupação de como construir com umas características que não fosse colonialista.

Objetivo também era construir com os Xakriabá e não para os Xakriabá. Então a gente teve sempre essa preocupação de não tomar decisões sem discutir. (Roberto)



Imagem 18: Dialogo entre prof. Roberto UFMG e pessoas da comunidade. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 19: Dialogo entre colaboradores UFMG e pessoas da comunidade. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

Então foram em várias casas tradicionais dentro do território, pois eles queriam saber o que poderia ser implantado na Casa de Cultura, ou seja, quais características das casas tradicionais Xakriabá eles poderiam usar. Então surge à ideia de usar as telhas tradicionais, as palhas, as madeiras, os tijolos feito lá mesmo dentro do território. Nos materiais utilizados Odair nos conta que teve algumas dificuldades diante da madeira e a preocupação com a preservação da mata nativa.

Só que não deu de início já começou não dar certo foi à madeira onde é que tem madeira pra iniciar aqui a construção da Casa de Cultura a tem ne tau lugar assim, e fulano tem quando ia lá não vai tirar minhas madeira tudo aquilo lá vai muita madeira né então como a gente aqui tá incentivado a preservar as únicas madeiras que nos resta e... então e... resolvemos utilizar o eucalipto trocar substituir pelo eucalipto por que ele é bem parecido com as madeiras que era usada nas construções de antigamente que é o peleiro rosa, o capim assul né e então o eucalipto cópia essas madeira fica com características de madeira do lugar, ai resolvemos, vamos comprar o eucalipto para substituir as madeiras ne então essa parte ai resolveu. (Odair)

Inicialmente tinha a ideia de retirar as madeiras que eram de dentro do território, mas eles perceberam que iria ter um grande impacto se fosse tirar aquela quantidade de madeira. Então resolveu utilizar o eucalipto porque ele se parece muito com as madeiras que são usadas nas casas tradicionais e poderia ser comprado fora. Teve também as telhas, no território as pessoas já tinham parado de produzir as telhas tradicionais, mas através do projeto eles foram buscar quem ainda sabia essa técnica de produção de telha que era feita nas olarias dentro do território mesmo. Muitas pessoas se disponibilizaram a fazer essa atividade voltar a funcionar e assim também ajudando a revitalizar essa pratica tradicional. Os tijolos, eles pensaram em como poderia utilizar os próprios matérias dali mesmo. Então surgiu a ideia da máquina de produção manual de tijolos, que seria mais fácil, pois esses tijolos não precisariam ser queimados. Assim, então, foi utilizado vários tipos de barros para dar cores diferentes aos tijolos, podendo então fazer os desenhos nas paredes da construção e assim acrescentando mais características Xakriabá a construção.

Roberto trouxe pra nós a ideia de construir com tijolo ecológico ele inclusive trouxe a máquina, e que são esses tijolos que tá levantado essas paredes ai, e nesse tijolo ele é usado... fala solo e cimento que é a terra e cimento foi aonde nós pegamos a própria terra da

terraplanagem aqui e fizemos alguns tijolos deu esses tijolos meio cinza e você pode olhar que tem três cores de tijolo e teve um lugar aqui mesmo um barranco que nos foi quebrar que deu um tijolo mais escuro, aí andando por aí teve um lugar que a máquina quebrou um turrão lá deu um tijolo mais então esse barro é bonito eu falei vamos vê como fica esse tijolo aí deu esse tijolo mais amareladinho aí o pessoal gostaram da dessa mistura de barro nas cores, moço como é que a parede vai ficar vai ficar pintada e tá vamos fazer um desenho fizemos esses desenhos aí né que fica parecido com as pinturas indígenas.(Odair)



Imagem 20: Característica Xakriabá representada na janela da Casa de Cultura. –
Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 21: Características Xakriabá representada na porta, telhado e parede da Casa de Cultura. –
Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

Ainda nesse fazer, Odair nos conta que foi criada uma oficina para qualificar algumas pessoas da comunidade que se interessasse em aprender a profissão de pedreiro. Essa oficina aconteceu até certo ponto, mas parou. Só que mesmo assim ainda saiu algumas pessoas qualificadas que até os dias atuais trabalham e obtêm seu sustento através dessa profissão.

Na verdade não eles não trabalhava não dominavam essa área de construção não, aí chamei eles pra vir trabalhar aqui, na conversa eles tinha vontade de aprender até que começamos com uma ideia aí de formar profissionais durante a construção da Casa de Cultura né, que eu passava todo meu conhecimento pra eles técnicas de construção eles estavam tudo ali, tudo que eu fazia eles estavam do meu lado né, então ia dar certo aí no pagamento deles eles não iam ganhar x que era o valor da diária deles que eles trabalhava fazendo bico por aí eles ia ganhar metade por ganhar também estar aprendendo entendeu, aí durante a quando finalizasse e construção ou do meio da construção em diante eles já ia tá dominando todas as técnicas, ia ganhar como um profissional.(Odair)



Imagem 22: Máquina manual de fazer tijolo. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 23: Tijolo feito com a máquina manual sendo utilizado na obra. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

Nesse projeto também aparece muitas dificuldades por ser uma construção com muitos detalhes e também por ser redonda. Na entrevista com Odair, ele nos fala, “ *você pode colocar o esquadro em qualquer lugar da Casa de Cultura que você não vai achar*” isso por que trata-se de uma construção redonda, e ele fala que ele nunca havia trabalhado nesse tipo de construção. Isso fez com que o tempo de construção fosse maior, as ferramentas utilizadas por ele fossem todas manuais, inicialmente, como o cerrote, arco de pua, martelo. Só quando estava mais perto do final da construção que ele começou a usar as ferramentas elétricas como furadeira, makita, plana entre outras.

Uma dúvida que muitas pessoas têm quando visitam a casa é: “Por que ela não tem a cobertura central toda fechada?” Na fala de Roberto, arquiteto envolvido no projeto, entendemos melhor essa questão:

[me falaram que] tem que ter uma cobertura central etc. e tal. Aí eu falei: mas não pode ser uma cobertura de telha porque a cobertura central de telha vai acontecer à mesma coisa lá do Brejo, vai pesar muito. Então vamos ter que fazer uma cobertura de palha; e como tinha uma ideia de plantar, no centro do círculo, um Itapicuru que subisse por ali afora, então a gente fez a cobertura de palha também deixando o buraco central para o Itapicuru subir por ali e acabou que ele nunca foi plantado, entendeu? (Roberto)

Odair conta que mesmo diante de muitas dificuldades ele se sente orgulhoso de participar desse projeto que trouxe muitos benefícios para o povo Xakriabá, pois foi onde ele pode aprender muitas coisas novas. Ele fala: “*eu me sinto graduado na área*

de construção, pois aqui aprendi muito". Esse projeto vem a ser um incentivo ou um espelho aos projetos que vem para o território, pois essa é umas das construções que valoriza toda a cultura do povo através das características Xakriabá aqui implantada.

2.2.3 Terceira fase: como está sendo utilizada ao longo dos anos (2008 a 2018)

Ponto de cultura

O requerimento do projeto Ponto de Loas foi feito pela Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto, na gestão do presidente Sr. Nicolau Gonçalves de Alquimim, em Março de 2008. Tinha a finalidade de promover atividades culturais e facilitar a articulação dos projetos já existente no território, como, por exemplo, Casa de Cultura, Casa de Sabão, Casa de Medicina, Aproveitamento dos Frutos do Cerrado e Cantigas Xakriabá, todos eles fortemente relacionados com as práticas culturais locais. Também tinha a finalidade de desenvolver ações de caráter artísticos, oficinas de audiovisual e através dessas oficinas pretendia-se realizar um filme documentário sobre as festas xakriabá, para fortalecer o intercambio destes com outros grupos indígenas. Como instrumento de comunicação e integração das atividades, será criado um sistema de rádio comunicador que é uma demanda antiga do povo xakriabá. O projeto Loas teve como sede a Casa de Cultura Xakriabá e as atividades do mesmo sendo distribuídas em vários outros pontos do território, nas aldeias Pedra Redonda, Pindaíbas, Veredinha, onde estão localizadas as Mini Casa de Cultura, e também nas escolas indígenas, Casa de medicina, Casa de farinha, além de possibilitar a circulação de produtos locais e a geração de renda que alcançou um público de todas as idades e em todo território Xakriabá.

Teve uma contribuição bastante na fonte de renda com o artesanato com a fotografia, filmagem porque muito dos jovens que participou das oficinas, hoje presta serviço dentro da comunidade tirando fotos de casamentos, fazendo cartazes e anúncios de eventos gravações de músicas tudo isso através do aprendizado que teve das oficinas oferecidas pelo projeto do ponto, porque antes era necessário contratar uma pessoa de fora para fazer isso, e hoje dentro das nossas aldeias temos jovens que está fazendo essa atividade. (Joel)

Metas alcançadas pelo projeto: Implementação da sala de multimídia e rádio; capacitação da equipe do projeto para operar os equipamentos da sala de multimídia e rádio; estabelecer a divulgação das festas e encontros tradicionais, realizar encontros que tematizam as danças, batuque, narrativas de histórias, versos e loas; realizaram oficinas de produção de fitoterápicos e sabão usando frutos e plantas do cerrado bem como diversas oficinas de temáticas indígenas como referência para a construção do documentário; realizar um documentário sobre as festas Xakriabá; construir um acervo multimídia (fotos, vídeos, etc.) das atividades do projeto. Durante o projeto, os parceiros foram a Prefeitura de São João das Missões, Associações Xakriabá, Faculdade de Educação – UFMG, escolas indígenas, diversas Lideranças do Território e membros ou não da Associação, além de artesãos e professores de cultura das escolas. Esse projeto será mantido assim que finalizar os recursos com a venda dos produtos CDs, DVDs, catálogos produzidos no decorrer do projeto, podendo ter a comercialização nas festas e feiras que ocorrem na área indígena, em São João das Missões e demais regiões. Por buscar a integração entre diversos projetos, a implantação do ponto de cultura Xakriabá – “Projeto Loas”, expressa a riqueza e a diversidade cultural do nosso povo e será uma grande oportunidade de integração dentro do território indígena.



Imagem 24: oficina de sabão na aldeia Sumaré I. –
Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 25: oficina de audiovisual com jovens. –
Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 26: oficina de fitoterápico. – Fonte:
acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 27: oficina de informática. – Fonte:
acervo Ponto de Cultura Loas.

O sentido da Casa Cultura Xakriabá hoje

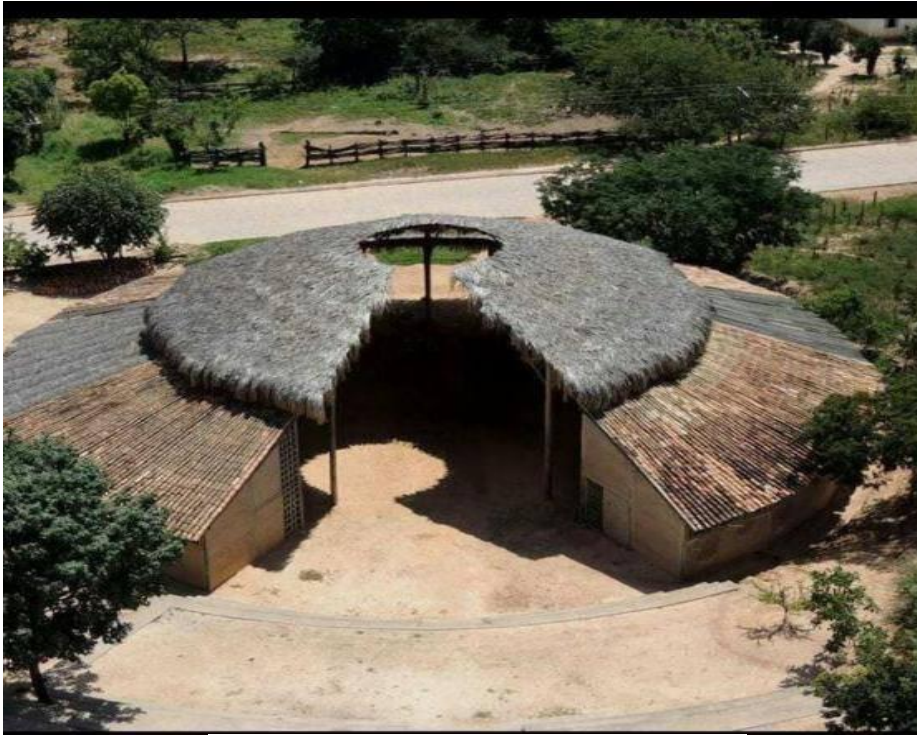


Imagem 28: casa de cultura Xakriabá. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

A Casa de Cultura Xakriabá hoje representa, para nosso território, um ponto muito forte de luta. É neste espaço que se concentra as organizações internas de discussão de proposta de melhoria para as nossas comunidades; um espaço onde se transmite o conhecimento; compartilha saberes que estão na mente dos mais velhos da nossa comunidade; onde acontecem as atividades culturais das escolas junto com alunos, professores, lideranças e comunidade para serem repassadas as futuras gerações, valorizando os artesanatos, crenças e costumes, que sempre foi um sonho que as pessoas tinham desde ante da construção.

Quando foi apresentado esse projeto para a comunidade foi muito positivo, porque as pessoas tinha uma esperança de um lugar, onde pudesse compartilhar os conhecimentos, as sabedorias que estão na mente dos mais velhos da comunidade, desde o começo pensava no espaço de práticas onde isso seria uma forma de transmitir o conhecimento e os saberes, onde aconteceria as atividades culturais e o aprendizado também da escola junto com os alunos, professores, lideranças e comunidade. (Joel)

A Casa de Cultura representa o Xakriabá em geral, porque foi através dessa construção que trouxe os professores de cultura, onde tem o ponto para a confecção do artesanato e também o espaço para venda, sendo um ponto de referência para as pessoas de fora que chega para visitar o território.

Hoje como a casa está localizada próximo ao parque das cavernas Peruaçu e o pessoal que visita a caverna eles ficam sabendo que aqui tem um povo indígena e eles acabam vindo para cá visitando e a referência aqui no nosso território e casa de cultura e em questão de evento grande que envolve todo território, como reunião, palestra, capacitação, formatura e noite cultural e feito sempre aqui neste espaço da casa, hoje ao lado da casa tem a cozinha tradicional e casa de medicina onde contribui muito pra os evento realizado aqui. Tem as atividades realizadas pelos professores de cultura, onde eles se reúnem com os outros professores de cultura de outra aldeia, e trocam experiências tanto na área música, no artesanato então falar em atividade cultural está sempre em referência pra essas práticas. (Joel)

Antes da Casa de Cultura Xakriabá, era muito pouco conhecido o artesanato, a pintura os adereços dentro do território Xakriabá. Eram poucas pessoas que faziam o artesanato. Algumas sabiam fazer, mas era mais pelos usos próprios. Depois do incentivo dos professores de cultura, o uso evoluiu, cresceu mais, tanto para o uso dos próprios indígenas, como também o interesse das pessoas de fora que vem comprar, reforçando mais a identidade do nosso povo Xakriabá, valorizando a parte cultural, espiritual e aumento de fonte de renda do povo Xakriabá.

O número de artesão de 2008 a 2018 cresceu muito e têm mais de um artesão em cada aldeia do território, cada um com seus conhecimentos diferentes.

A importância hoje do artesanato Xakriabá, tem muito sortido efeito de uns tempos pra cá, depois de alguns trabalhos que teve hoje mesmo se analisamos pela Casa de Cultura que hoje temos aqui como um ponto de referência muito importante que através dessa casa hoje tem incentivado muito os jovens muitas pessoas a estar desenvolvendo essa pratica do artesanato, antigamente o artesanato não tinha muita representividade, não tinha esse desenvolvimento que hoje está tendo no nosso território. (Weliton)

Dentro desse projeto, veio o ponto de cultura, um espaço de formação de audiovisual como ferramenta de registro dos conhecimentos tradicionais e de luta pelos nossos direitos, estruturando um espaço da casa que é a rádio onde faz a

comunicação nas aldeias transmitindo anúncios dos eventos que acontece em todo território. Sempre na casa de cultura reuniões, seminários, assembléias são transmitidas ao vivo para todo território, levando a mensagem para aquelas pessoas que não podem estar nas reuniões. E dentro dessa rádio tem uma equipe que faz gravações de músicas, dos cantos para produção de CDs e vídeos produzidos pelos cineastas Xakriabá.

Muito bom tá servindo para escola, pra reunião, pra algumas coisas, ela representa tudo, tá servindo. Já teve missa e também tá servindo pros novatos pro que às vezes não alcançou mais pra eles contar... Foi bom porque não tinha e agora apareceu, todo mundo gostou dela de ser projetada só que ela tá precisando de conserto. (Sr. José)

Atividades realizadas no espaço Casa de Cultura Xakriabá.



Imagem 29: Oficina com os alunos 4º ano ministrada pela prof. de cultura. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 30: seminário de apresentação dos trabalhos do Saberes indígena. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 31: Palestra de saúde com pessoas da comunidade. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 32: Apresentação cultural de recepção a visitantes da casa. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 33: Oficina de produção de artesanato de madeira. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 34: Momento cultural com alunos do Ensino Fundamental. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 35: Noite Cultural com a comunidade. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 36: Programa de rádio na Casa de Cultura, sendo ministrado por jovens Xakriabá. – Fonte: Helen Santa Rosa.



Imagem 37: Formatura dos alunos da Educação Infantil realizada na Casa de Cultura. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.



Imagem 38: Mostra de documentários indígenas para pessoas da comunidade. – Fonte: acervo Ponto de Cultura Loas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o nosso trabalho foi somente com a perspectiva da recuperação da história da casa de cultura Xakriabá, mas no decorrer da pesquisa tivemos muito diálogo com a orientadora e pessoas envolvidas no projeto. Percebemos, então, que o nosso trabalho não seria somente resgatar a história, mas, sim, manter a Casa viva. Um exemplo disso é a busca de recurso para a reforma da Casa de Cultura, esse trabalho vem a ser um ponto inicial a essa busca.

Entender esse projeto foi uma tarefa bastante árdua, buscamos o máximo de informações possível, analisamos todos os documentos possíveis e entrevistamos várias pessoas tais como idealizadores, pedreiros, arquiteto, lideranças e colaboradores.

Vimos que quando iniciaram o projeto, visavam então que o ponto crucial seria a geração de renda dentro do território. Então, se buscou utilizar toda renda que foi gasta no projeto, ou seja, gastar o máximo dos recursos possíveis dentro do território Xakriabá, desde a valorização das técnicas tradicionais de construção até o café da manhã que era consumido pelos pesquisadores, que vinha ajudar no envolvimento das pessoas no projeto.

A Casa de Cultura foi desenvolvida com os Xakriabá e não para nós Xakriabá. Esse pensamento de “para” vem ser uma visão colonialista que tenta acabar com a cultura de um povo aos poucos. Isso então mostra que “com” os Xakriabá esse projeto foi desenvolvido através de muito diálogo no decorrer de cada etapa, valorizando e fortalecendo a cultura do nosso povo.

Nosso trabalho não vem a se finalizar por aqui, mas iniciamos uma longa história que é contada por uma nova geração de Xakriabá que permanece com um foco principal que é a preservação da cultura do nosso povo. Cada geração vai recontar essa história de um jeito, a partir de seu olhar e de sua participação.

Concluimos então que a Casa de Cultura Xakriabá que no início foi pensada de uma forma, mas que no decorrer do tempo está sendo utilizada de outra, veio se modelando conforme o tempo no decorrer de cada geração. Um ponto forte que permanece desde o início da construção é que ela é vista como um lugar de grande

espiritualidade, um local de grande representatividade do povo Xakriabá, um lugar de muito conhecimento, cultura, memória e história.

Conhecimento, pois aqui muitos saberes são passados de geração em geração.

Cultura, pois ela neste local e em forma de espaço físico, e principalmente de muita vivência.

Memória, pois os mais velhos deixam sua memória, ou seja, os seus saberes, mantendo viva a memória do seu povo.

História que nela é recuperada e vivida, contada e principalmente sendo construída ao longo das gerações Xakriabá.

ANEXOS

Anexo I: Entrevistas

1ª Entrevista

Nome: **Edvaldo Gonçalves de oliveira**

Idade: **48 anos**

Formação: **Língua Arte e Literatura**

Profissão: **Professor de Cultura**

Aldeia: **Sumaré I**

Data da entrevista: **04/07/2018**

Entrevistador - Porque Casa de Cultura? A cultura tem casa?

Edvaldo - Antes tinha casa sim, porém era chocha né, e uma oca né, que ai... Onde ás pessoa morava e também ali sobreviviam de caça pesca e arte né que e artesanato de utensílio de enfeite que era usado e usa ate hoje né, só aperfeiçoamos mais o estilo, usamos objetos materiais mais avançado.

Entrevistador - Porque localizada na aldeia Sumaré I?

Edvaldo - Primeiro porque a ideia foi minha e... Consegui o local com meu pai que cedeu o local aqui na frente da casa onde eu morava com o meu pai e... São quatro casa, sendo a maior Casa de Cultura sendo aqui na aldeia Sumaré I, tendo mais três sendo Pedra Redonda, Veredinhas e Pindaíba mini casa, e aqui sendo a maior a central.

Entrevistador - Como foi pensada a Casa de Cultura, como seria construída e utilizada? Qual seria o envolvimento da comunidade na casa?

Edvaldo - O modelo dessa maior daqui do Sumaré é redonda e a zoutra três foi um modelo mais diferentes né, congta seria Pedra Redonda, Pindaíba, Veredinha e se a mini casa e sendo essa maior que e congta .

Primeiro que e um meio que os próprios alunos como eu só professor também, e a ideia foi que os próprios alunos fazer os apetrechos objetos a ser usado e também para comercializar um meio de sobrevivência ganhar um dinheirinho.

Entrevistador - Como foi escrito o projeto, de onde saiu o dinheiro para construir e quais os parceiros financiaram?

Edvaldo - Através da nossa professora Ana Gomes, e é atualmente Mora em BH, e tem os parentescos dela que são os italianos que através dela conseguimos o dinheiro, o recurso que foi em Euro e transformou em Real na época. Além dos italianos teve a UFMG né... Que e a faculdade em BH e também teve a participação da prefeitura que

envolveu com a ajuda... Colaborou mas com a parte da mão de obra e alguma coisa mais que precisava. Os Euros o que conseguimos com os italianos foi através da Ana Gomes, para chegar até aqui foi depositada em uma conta da associação e repassou pra nós comprar os materiais, e ser gasto com pagamento que foi o pedreiro e ajudante e alguns materiais como que tinha que ser comprado fora né, como a madeira que para evitar a destruição na aldeia nós compramos a madeira fora o eucalipto, sendo as telhas nós conseguimos aqui mesmo no local, uma parte que é de palha de buriti, conseguimos aqui mesmo, coco objeto aqui mesmo do local.

Entrevistador - Como se deu a apresentação deste projeto para as lideranças e a comunidade? Quais foram as reações das pessoas em relação a este projeto? (pontos positivos e negativos).

Edvaldo - Quando eu falei da ideia da casa de cultura foi bem aceito e aí só restou eu correr atrás juntamente com os demais parceiros que ajudou agente no projeto também que teve o Joel, Adimar na época o Mauro também que era professor na época e tem mais alguns que ajudaram, no momento não me lembro de todos que envolveu.

As lideranças ficaram muito alegres por que veio o projeto, principalmente quando começou a iniciar, esqueci também de falar dos equipamentos que nós conseguimos que foi para construir os tijolos, que foi a máquina. Foi bem aceito pelas lideranças tanto que nós iniciamos aqui no Sumaré I, depois Veredinha, Pindaíba, Pedra Redonda e foi bem aceito.

Todos ficaram alegres não ouviram crítica não, porém eles queriam saber como consegui esse dinheiro, nós explicamos como foi gasto também, foi feita a prestação de conta para os que beneficiaram do projeto e também com os que bancaram esse projeto.

Entrevistador - Como se deu a busca do terreno para a construção da casa? E como foi pensada a arquitetura? Em que ano deu início a obra? E foi construída do mesmo jeito que foi pensada?

Edvaldo - Primeiro nós aqui na aldeia maior no Sumaré I, meu pai cedeu o espaço e nos outros lugares que foi Pindaíba, Veredinha e Pedra Redonda não foi difícil não foi bem aceito. A arquitetura aqui foi nos professores que deu a ideia e também nas outras aldeias também foi pensado diferente no modelo... Diferente dessa aqui que embora aqui foi redonda com... E as outras foram diferentes, mas com isso... todos deram sua opinião e gostaram.

Aqui foi construída do mesmo jeito que pensou porém as madeiras que compramos fora, o eucalipto, por exemplo, começou a parte a danificar e precisamos de uma reforma e pensar como fazer para a melhoria dessa reforma.

Entrevistador - Qual é a relação da Casa de Cultura com o artesanato Xakriabá? Como você vê a valorização do artesanato Xakriabá, entre antes e depois da construção da Casa de Cultura?

Edvaldo - Primeiro que... Como eu falei que através da casa de cultura, temos o ponto para a construção do artesanato e também o espaço para venda, para as pessoas que vem de fora que interessa comprar e nós já tem o local de venda. Que através do artesanato teve um grande aumento de renda para o artesão, e também estava muito desvalorizado e depois do incentivo dos professores o uso isso evoluiu cresceu mais, tanto o uso dos próprios índios e também o interesse das pessoas de fora que vem comprar.

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Edvaldo - Representa muito, porque tá buscando mais, reforçando mais a identidade do povo Xakriabá, e também sendo mais valorizando a parte cultural do nosso povo Xakriabá.

A ideia agora como já tem quatro construções culturais e buscar apoio para mais duas construções para a aldeia Caraíbas e Vargens Grande, e Caatinginha e Custódio.

2ª Entrevista

Nome: **José Gonçalves Alkimim**

Idade: **89 anos**

Profissão: **Aposentado**

Aldeia: **Sumaré I**

Data da entrevista: **04/07/2018**

Entrevistador - Como o Sr. ficou sabendo do projeto Casa de Cultura?

Sr. José - Sobe que iam fazer né... como está feito né...

Entrevistador - O que falaram que seria o projeto?

Sr. José - Quando foi para fazer não mim procurou não eles fizeram lá. Foi Dé eles que trabalhou no projeto eles falaram que era pros uso das coisas antigas foi feito para conduzir as coisas antigas, o engenho, madeira, colar e mais coisa.

Entrevistador - Qual foi à participação do senhor nesse projeto Casa de Cultura?

Sr. José - Eu dei o lugar para eles faze a casa eu dei o terreno, lá esta meu nome José.

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Sr. José - Muito bom tá servindo para escola, pra reunião, pra algumas coisas, ela representa tudo, tá servindo. Já teve missa e também tá servindo pros novatos pro que às vezes não arcanço mais pra eles, contar... Foi bom porque não tinha e agora pareceu, todo mundo gostou dela de ser projetada só que ela tá precisando de concerto.

3ª Entrevista

Nome: **Odair Fernandes Pimenta**

Idade: **39 anos**

Formação: **Ensino médio**

Profissão: **construtor (Pedreiro)**

Aldeia: **Barreiro Preto**

Data da entrevista: **10/08/2018**

Odair - Meu nome é Odair sou da aldeia Barreiro Preto, vizinha aqui do Sumaré I, estou com 39 anos, minha profissão e construir agente vivi da construção agente vai falar um pouco da casa de cultura que foi eu que construí junto com os meninos, e aqui na casa de cultura eu trabalhei um bom tempo aperfeiçoei alguns conhecimentos que eu já tinha, e aprendi bastante, então falar da casa de cultura e um grande prazer. Conheci pessoas legais na pessoa de Ana Gomes, o Roberto e eles que me convidaram para vim trabalhar na casa de cultura, já sabiam que eu construíam casas por ai, me chamaram para mim construir a casa de cultura. Através deles conheci vários arquitetos que até acompanharam a construção que me traziam informações, alguns conhecimentos me corrigindo e com isso eu fui apreendendo mais. A Lígia foi uma das primeiras arquiteta que conheci, depois veio a Ana Rosa, Débora Victor, Mateus, André então falar da Casa de Cultura não sei se vou dar conta não mais falar dessa área de construção e uma área que eu domínio muito.

Entrevistador - Qual foi a sua trajetória nesta área da construção antes do projeto (carpintaria, alvenaria, eletricista e hidráulica)?

Odair – Então, essas áreas já dominava e aprendi em uma firma que trabalhava em São Paulo, depois vim para Minas e comecei construir umas casas aqui na comunidade, já conhecia um pouco, aqui pra ser um pedreiro, ele tem que desenhar a casa para o dono da construção tem que explicar certinho, o pedreiro tem que ter essa técnica, tem que levantar parede, tem que rebocar fazer a parte hidráulica, parte elétrica o telhado, então eu já dominava e com a construção da casa de cultura aperfeiçoei todas essas áreas, hoje posso falar que sei com qualidade.

Entrevistador - Como você ficou sabendo do projeto Casa de Cultura?

Odair - Eu já ouvia falar, tio De sempre falava Tio de foi um dos que nasceu a ideia de construir essa casa de cultura e assim que ele colocou isso em conversa, ele sempre estava falando na construção dessa casa de cultura, mas eu vi saber mesmo quando Ana e o Roberto me procurou eu estava construindo um barraquim em missões e ele chegara lá e nos conhecemos ai ele chamou eu para vim aqui construir e explicou como iam ser projeto. Ai depois teve as reuniões nas comunidades aqui mesmo no local, onde teve várias reuniões agente veio olhar o lugar, O pessoal vinha benzer o

lugar aqui ai sempre que agente reunia para falar da casa de cultura o pessoal explicava como foi projeto.

Eu presenciei umas duas vezes seu Emilio, Vicente eles vinha com um grupo aqui no local ainda era mata, o terreno ele um pouco acidentado se vê que a casa de cultura esta no pouco mais baixo do nível daqui que nos estamos aqui ele era declivado o terreno eles vieram escolheram esse lugar a casa de cultura vai ser aqui ai benzeram o lugar aqui, desde a marcação do ponto onde iam ser a construção agente considera como um lugar sagrado.

Entrevistador - Qual foi a sua participação na Casa de Cultura?

Odair - Bom minha participação da casa de cultura eu fui o construtor principal, o profissional o único que trabalhou na casa já tinha minha experiência em construção teve 2 auxiliar que nos iniciamos junto ai minha participação na casa de cultura foi em cada detalhe que esta na casa iniciemos com a terraplanagem nivelamento do terreno, as fabricação da telha que não foi feita aqui no Sumaré, foi feita em outras comunidade dos Forgens, Pindaíbas e Barreiro eu sempre estava participando lá eu não era o fabricante de telha não trabalhava assim não metia mão no barro mesmo, mas lá eu estava na organização, a gente tinha que correr atrás do grupo que mexia com telha. Ai teve a cobertura as primeiras palhas que nós usamos na cobertura eu não sabiam mexer com palha, mas a gente tinha que mobilizar quem tirava palha, onde encontrava a palha, como trazer o que iam precisar para colocar as palhas em cima agente iam tirar as varas, descascava as varas subia lá pregava as vara para deixar prontinho pros cara chegar, é por isso que eu fui aprendendo e hoje eu tenho mais facilidade de trabalhar com telha e palha, na fazição dos blocos os meninos estava fazendo e eu estava junto com eles, a... esse barro da um tijolo bonito, tijolo avermelhado, vamos pegar outro barro que vai dar outra cor diferente, então qualquer coisa que ia fazer tinha a minha participação, cada prego que você está vendo foi batido por minhas mãos, parafuso madeira que foram serrada. Tinha meus ajudantes, mas o construtor mesmo fui eu.

Entrevistador - Em que ano deu inicio a construção da Casa de Cultura? Como iniciou?

Odair - No ano que nos iniciamos foi em 2006 para 2007, ai como iniciamos chegamos tivemos que fazer a terraplanagem, metemos o enxadão pra cima e tínhamos que tirar muito barro, ai deu uns três metros de diferença para deixar nivelado, não tinha maquina por aqui o dinheiro também não tinha sido liberado ainda trabalhamos uns dois meses cavando no enxadão e carregando no carrinho ai quando estava terminando de fazer a terraplanagem do primeiro bloco apareceu um trator, ia passando em frente ataiamos ele e pedimos para fazer a terraplanagem, fizemos a terraplanagem ai começamos enfincar as madeiras, e... as coisas veio acontecendo naturalmente, nem a diferença do desnível aqui eles não tinham pensado quando jogamos a mangueira e fomos tirar o nível, ficamos espantado que ia dar um barranco e tanto ficamos assustado mais moço vamos bater um ano só pra tirar essa terra,

depois vai ter esse barranco grande, não mais tem as arquibancadas as vez Deus ajuda que aparece uma maquina por ai e foi que apareceu esse trator, ajudou muito e com isso foi modelando, o trator tirou a maioria da terra e o resto da terra ficou para fazer a arquibancada.

Entrevistador - Quais foram às dificuldades encontradas?

Odair - Uma das dificuldades foi essa, quando eu vi aquele monte de terra que a gente tinha que tirar sem trator, outra dificuldade e que eu não estava acostumado trabalhar com esse tipo de construção, essa construção veio bem diferenciada, quando falou uma casa de cultura uma casa grande eu falei é moleza levanta com bloco deitado coloca uns pilarzão bonito, mas não era assim nos que uma obra com características indígena uma obra diferenciada do que vocês estão acostumado a ver lá na cidade que você trabalhou lá em missões e tau, ai vai ser com madeira redonda vai ser uma obra meia arredondada inclusive a construção tem que ter um esquadro tem que ter um negocio e aqui você não acha em lugar nenhum você pode colocar o esquadro tem ate umas tabuas lá você pode pegar e medir o esquadro lá, essa é uma obra redonda tudo se faz nela as madeira redonda não usa esquadro isso foi uma das dificuldade que encontramos. Esses outros modelo de casa colonial madeiras serradas, vai serrando as madeiras você coloca o esquadro ali risca de um lado passa o risco por outro lado usando o esquadro fica tudo certinho os encaixe beleza .Mas aqui e diferente pra você acertar uma serragem você tem que fazer duas três serragem você serra ali não deu certo você faz outro encaixe da cula e tal, então a gente foi apanhando aprendendo mais assim apanhando durante a construção e... se fazer um encaixe de uma linha que os encaixe são mezaninos são seguros por linhas em baixo as travas e são feitas com linhas redondas pra você encaixar uma linha ali as vezes tinha que fazer duas três serragens, outra coisa e... as ferramentas era todas ferramentas manuais ferramentas que meu pai tinha meu avó tinha e tau, não tinha ferramentas elétricas era arco de pua era encho era serrote ai faz parte das dificuldades que nos encontramos nos não tinha ferramenta elétrica.

Entrevistador - Quanto tempo durou para construir?

Odair - É o tempo que durou eu acho que foi assim uns... mais ou menos uns cinco anos, ela foi planejada pra fazer por etapa né ai trabalhava três meses ai fazia uma etapa ali e tau ai depois trabalhava depois ficava parado dois mês ai trabalhava mais três meses ai começamos assim mais ai você começa uma coisa depois para depois pega de novo e tau, como aqui era bastante era chegava um material chegava as madeiras por exemplo vascunhava essas madeira ai elas fica lá tomando chuva e sol e dai combinamos vamos fazer, tem material vamos gastar o material ai não vamos importar com esse essa de fazer por etapa né, ai... acho que por isso demorou um pouco a mais, apesar que tem muito serviço né e serviço detalhado bastante detalhe come mais tempo como acabei de falar e um tipo de construção que a gente não tava acostumado também é motivo para ter comido mais tempo.

Entrevistador - Quais foram os materiais utilizados na construção? Quais as origens desses materiais?

Odair - Então e... a intensão nossa era de construir com matéria prima usando a matéria prima igual meu pai os outros construía fazendo pare de adobe, de enchimento né usando matérias que a natureza oferecia matérias locais é... só que não deu de inicio já começou não dar certo foi a madeira onde é que tem madeira pra iniciar aqui a construção da Casa de Cultura a tem ne tau lugar assim, e fulano tem quando ia lá não vai tirar minhas madeira tudo aquilo lá vai muita madeira né então como a gente aqui tá incentivado a preservar as únicas madeiras que nos resta e... então e... resolvemos utilizar o eucalipto trocar substituir pelo eucalipto por que ele é bem parecido com as madeiras que era usada nas construções de antigamente que é o peleiro rosa, o capim assul né e então o eucalipto cópia essas madeira fica com características de madeira do lugar, ai resolvemos vamos comprar o eucalipto para substituir as madeiras ne então essa parte ai resolveu, as parede de adobe ou de enchimento né ai um pensava de uma forma outro dava uma ideia né e o Roberto trouxe pra nós a ideia de construir com tijolo ecológico ele inclusive trouxe a máquina, e que são esses tijolos que tá levantado essas paredes ai, e nesse tijolo ele é usado... fala solo e cimento que é a terra e cimento foi a onda nós pegamos a própria terra da terraplanagem aqui e fizemos alguns tijolos deu esses tijolos meio cinza e você pode olhar que tem três cores de tijolo e teve um lugar aqui mesmo um barranco que nos foi quebrar que deu um tijolo mais escuro, ai andando por ai teve um lugar que a máquina quebrou um turrão lá deu um tijolo mais então esse barro é bonito eu falei vamos vê como fica esse tijolo ai deu esse tijolo mais amareladinho ai o pessoal gostaram da dessa mistura de barro nas cores, moço como é que a parede vai ficar vai ficar pintada e tau vamos fazer um desenho fizemos esses desenhos ai ne que fica parecido com as pinturas indígenas e... a telha vó falar da telha também essa telha ela não veio de fora ela foi as primeiras telhas desse primeiro bloco foi feita com Lau e Antônio Paca lá na Pindaíba que é uma comunidade aqui vizinha o segundo bloco foi feito com Zé de Di e Jaime lá nos Forgens tem uma olaria lá também, o terceiro bloco e o quarto foi feito no Barreiro com Vei de Lero e Lixandre de tio Joãozão outra olaria que estava lá olaria onde a gente faz telha né, esses ai são os fabricantes de telha da região aqui o pessoal ia fazer uma casa ne ia neles lá e combinava as telhas eles que topavam faziam telhas antigamente e topavam fazer as telhas aqui da Casa de Cultura então essas são os materiais utilizados tudo aqui da região, isso foi meio que pra resgatar essa tradição que já estava perdida, veio essa telha colonial, essa telha que o pessoal estão usando hoje cobrindo as casas né muito bonita e chamou a tenção do povo e o povo trocou por essa telha né telha tradicional e... sem pensar se na no conforto que ele estava tirando da casa essa telha tradicional telha moderna que o pessoal estão usando hoje ela é uma telha mais lisinha e mais fina mais leve então deixa o telhado mais bonito só que por ela ser brilhosa e ser mais fina ela... o sol o calor passa com mais facilidade e então ela tira o conforto da casa a casa fica quente e

you can see that with the hot sun the way it is now, when you arrive at a house here you can see the people inside the house that you won't find if you're down from a wooden post outside the house, and this traditional tile is not like that because it's thicker, a tile is heavier so it's not like a modern tile and because of that it keeps the dust and this dust seems to be like a solar protector on the roof and prevents the heat from passing through, so all these houses you can enter these houses, the old ones, the roof is lower, you are under the roof and a comfortable little house, well ventilated, the people who traded what they did, they didn't think about the comfort they were losing by leaving the house.

Entrevistador - Quais as técnicas de construção tradicionais e ferramentas foram utilizadas no processo de construção da Casa de Cultura?

Odair - É na verdade assim, o modelo da Casa de Cultura já é um modelo tradicional, né, toda característica traço de antigamente, as telhas que nós acabamos de falar, né, foram produzidas aqui por e... donos de olarias daqui da comunidade e antigamente todas as casas eram cobertas com esse tipo de telhas, aí veio alguns pedaços da Casa de Cultura que é coberto com palha, né, também conheci algumas casas cobertas com palha, ali na Embaúba, cheguei até ir lá quando eu estava iniciando aqui a Casa de Cultura e vi que agente ia mexer com telhado de palha, né, e fui lá conhecer algumas casas e encontrei uma casa coberta com capim sapé, outra coberta com a... tabua, né, e fui lá no Peruaçu também conheci uma casa que era a casa de Jorge, um pedaço da casa dele era coberto com essa telha tradicional e o outro pedaço era coberto com a palha de buriti, né, então a Casa de Cultura ficou toda com a característica, né, daqui das técnicas das construções antigas. E as ferramentas utilizadas foram arco de pau para furar, que hoje é substituído por furadeira, já no final da obra eu ganhei uma furadeira de presente até o arquiteto Pedro que mandou pra mim... (risos) obrigada, é o cerrote foi substituído pela makita, já no final da construção mais acho que até no meio da construção no segundo bloco nós usamos serrote, ainda apanhamos bastante, e o resto foi enxada, enxada, facão, mesmo na tração das varas era facão, machado, essas foram as ferramentas que foram usadas assim, sem contar com outras ferramentinhas que agente usava no caso de martelo, essas coisas.

Entrevistador - Qual a mão de obra utilizada na construção, em relação a pessoas contratadas e mutirões?

Odair - as pessoas contratadas nessa construção da casa de cultura foi eu e os meninos que foram meus auxiliares, agora pra mutirão usamos o mutirão para levantar esse Morão central da cobertura da casa de cultura que é pesado, que 12 metros cada Morão só enterrado pra baixo dentro do chão tem 2 metros, tinha que ter muita gente, então aproveitamos um dia que o pessoal iam fazer um evento, estava fazendo umas barracas, então vamos levantar esses pauzinhos hoje, aí juntamos uns trinta homens para levantar esses morrões, deu um mutirão bem animado. Na junta de material, no caso de pegar as telhas de outras comunidades pra cá, tinha que fazer mutirão, dava

bem menos gente, mas tinha que fazer um mutirãozim juntava uns companheiros e cada um dava força, então era a troca de mutirão. Pra pegar as palhas também, agente contratava o caminhão da associação ai juntava uns dez companheiro ia lá tirava, trazia as palhas, e... tem essas portas de varas né, usamos vara também na cobertura de palha ai fiemos mutirões também a troca de mutirões.

Entrevistador – você falou que tinha os meninos que era ajudante que era contratado né, como que foi essa contratação já era tudo profissional como é que era?

Odair - Na verdade não eles não trabalhava não dominavam essa área de construção não, ai chamei eles pra vir trabalhar aqui, na conversa eles tinha vontade de aprender ate que começamos com uma ideia ai de formar profissionais durante a construção da Casa de Cultura né, que eu passava todo meu conhecimento pra eles técnicas de construção eles estavam tudo ali, tudo que eu fazia eles estavam do meu lado né, então ia dar certo ai no pagamento deles eles não iam ganhar x que era o valor da diária deles que eles trabalhava fazendo bico por ai eles ia ganhar metade por ganhar também estar aprendendo entendeu, ai durante a quando finalizasse e construção ou do meio da construção em diante eles já ia tá dominando todas as técnicas, ia ganhar como um profissional, ai funcionou ate um tempo, só que é... depois tinha que pegar no pesado as vezes tinha que cobrar né dos companheiros cobrar dos auxiliar e eles falou não vamos pagar o valor da diária certo não sei se vai... a gente estava na duvida ainda se ia funcionar ou não esse curso né, funcionava igual um curso igualmente um curso, a beleza então vocês vão ganhar x agora vamos pegar no pesado e levar a serio mesmo no serviço e tal beleza, mas mesmo assim uns e... dois dele que trabalharam comigo que foi Sivaldo e Luiz, terminou a construção que paramos de trabalhar aqui eles foram construir né, então Sivaldo não sei hoje se ele esta trabalhando de pedreiro que ele tinha arrumado outro emprego, outros bicos pra fazer por ai, mas cheguei ver ele trabalhando de pedreiro, e Luiz ele trabalha de pedreiro ate hoje tá sendo pedreiro tá construindo tá igualmente eu, estou ganhando adiaria ganhando de pedreiro mesmo trabalhando de pedreiro.

Entrevistador - Como as características Xakriabá foram representadas na Casa de Cultura?

Odair - Então e... o modelo da Casa de Cultura né ele já é uma característica, tem palha tem telha tradicional essas já são uma das características né que pega na Casa de Cultura, e tem as pinturas né usamos essas três cores de blocos desenhamos as pinturas que nos Xakriabá usamos as mesmas pinturas que nós usamos no nosso corpo, durante eventos ou alguma coisa assim, e na arquibancada tem também esses desenhos. A preferência das madeiras redondas né que você pode andar por ai fora da reserva que você não vai ver uma casa construída com madeiras redonda, você não vai ver uma casa coberta com palha, com telha tradicional e o modelo das portas, e só em ela ser redonda né parecida com uma oca também já é uma característica dos Xakriabá.

Entrevistador - A construção foi finalizada de acordo o projeto arquitetônico (planta da casa)?

Odair - É... podemos falar que sim, né ai teve algumas coisinha que a gente dava uma acrescentada né, mas a maioria foi feita em cima do projeto, a gente mudava algumas coisas mas o... os arquitetos avaliava e se fosse aprovado se não nos desmanchava e fazia de novo, teve algumas coisas que mudou, eu me lembro de um vão que tinha entre as madeiras ali do primeiro bloco, ela veio com uma medida ai eu coloquei aquela medida parece que era 16 cm de eixo a eixo né, ai só que menino passava menino estava passando depois descobrimos que tinha menino da cabeça de tudo que era tamanho né, ai mudamos botamos outras varas lá ai resolveu, essa foi uma das mudança simples mesmo, mudança assim pra mudar a aparência não chegamos mudar não, as portas ne teve umas mudanças eu não lembro se foi se estava no desenho o modelo das portas né mas primeiro fizemos um modelo ai já no final da construção resolvemos dar uma revestida revestimos com varas né mas pra dar uma aperfeiçoada também, que estava seguro do jeito que estava estava seguro ai as vara colocamos mais assim pra revestir mesmo pra ficar bonito bem enfeitado.

11- Olha eu não vou te dar muita certeza por que eu não... mas eu penso que não, que teve alguns lugares aqui na Casa de Cultura que foi pensado pra uma coisa ne, ai com o tempo o pessoal foi vendo, não aqui nos vai utilizar pra isso vai ser mais aproveitado, ai já tinha o pessoal já tinha intenção de colocar a radio aqui na comunidade do Sumaré e já pensou logo aqui na Casa de Cultura, vamos levar lá pra Casa de Cultura lá nos tem bastante espaço e lá vai ficar bom, é bom que nos já começa a aproveitar o espaço que tem lá se tiver outra utilidade a gente muda de lá mas vamos colocar a radio lá, colocou deu certo. Tinha o outro bloco o terceiro bloco lá que ia montar uma loja de artesanato e inclusiva a gente tinha ate umas maquinas ai de construir o bloco esse mesmo bloco que nos fizemos pra construir aqui a Casa de Cultura né, então vamos fazer esse bloco aqui na Casa de Cultura e vamos levar pra construção de outras casas por ai, então era pra... como lá já tinha esse espaço da loja vamos vender artesanato vamos vender esse bloco que é feito pelos artesão também mais ainda não deram inicio, tá sendo utilizado pra outra coisa, então foi isso as vezes foi feito um local pra utilizar de uma forma pra ter uma função e esta tendo outra função mais de qualquer forma tá sendo aproveitado.

Entrevistador - Qual seu ganho em experiência profissional que você adquiriu neste projeto?

Odair - Olha esse pouco tempo que eu trabalhei aqui nesse projeto, como eu te falei conheci pessoas importantíssimas né que me passara seu conhecimentos muito conhecimentos então eu aprendi muito né, então durante muito tempo eu me sinto graduado mesmo nessa área de construção por que antes de trabalhar aqui eu não dava conta de trabalhar com a construção desse tipo né com esses materiais, desse modelo, madeira serrada então aprendi de mais e me sinto graduado mesmo nessa área de construção civil, a perfeíçoei mais o meu trabalho que quando eu sai daqui eu

ate dei mais valor na minha mão de obra ne falei por eu sei fazer mesmo e o pessoal sempre me, parece que aumentara mais a procuração por minha mão de obra e eu não estou dando conta, termino um serviço aqui o vizinho já me chama outro ali já chama e tal, melhorou muito. Meio que o trabalho já tem uma característica identidade que mostra que o trabalho e feito por determinado pedreiro, isso eu peguei aqui você constrói um salão se constrói uma casa de padrão colonial e de modelo COHAB, um prédio um negócio ele e padronizado né, se o cara pede pra você construir um prédio, constrói um prédio pra mim de tantos andares e tal, tem a planta lá e tal, você sabe que vai mexer com ferragem você sabe as ferramentas que vai usar né, e aqui é o contrário né muitas ferramentas você tem que inventar lá no serviço, você vem pro serviço e não sabe que você não tem um plano assim né, moço eu vó fazer isso vai ser assim assim você não leva aquele serviço pronto as vezes se chega pra fazer uma porta, fazer uma parede um negócio e ali é que as ideias vão encaixando sabe então é aquilo a gente está sempre aprendendo e... é isso (risos), colocando sempre a boa vontade em primeiro lugar, fazer tudo com boa vontade.

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Odair - Eu vó falar assim o que ela representa pra mim, eu vó falar em nome do Xakriabá né pode ser, é... como eu falei de inicio ali que no inicio aqui e eu cheguei presenciar os professores de cultura o pajé benzendo aqui o lugar né, e então desde ai a gente já considera o local como um patrimônio sagrado, e quando fala Casa de Cultura a gente é... tem as Mini Casa de Cultura por ai ne Veredinha, Pindaíba, Pedra Redonda cada aldeia ne tem seus terreiros de cultura ali, mas aqui a Casa de Cultura ela representa pra mim um símbolo de da valorização do Xakriabá sabe, valorização indígena é... a pessoa que vem aqui que conhece a Casa de Cultura e vê a importância das tradições de a gente manter as tradições os costumes, tem as ferramentas aqui guardadas de eventos dos professor de cultura usar os tambores as coisas né, então só o modelo da Casa de Cultura é uma importância grande pra nos aqui Xakriabá veio bastante construção projeto que não tinha a cara assim Xakriabá sabe não tinha tanta... assim o Xakriabá precisava veio as casas não sei se é... uns projetos de casinha aqui pra acho que Caatinguinha ou foi Custódio não sei Riachinho veio modelo de COHAB, e ate que eu falei em umas duas entrevistas que eu fiz, que seria bom assim se esses projetos que vince no caso dessas casinhas vince pro pessoal não tirasse a característica indígena, não tirace alguns costumes que o povo tinha de construir, então a Casa de Cultura serve pra isso também sabe pra um espelho pra pessoas olhar falar nossa os Xakriabá aqui foi os Xakriabá que fez? Foi, então tem um projeto pro Xakriabá um projeto de casa de escola pro Xakriabá? Tem, então vamos botar um pouco, copiar um pouco a Casa de Cultura mesmo que não tira alguma coisa da Casa de Cultura, mais assim que coloque coisas com características Xakriabá, então eu penso assim que a Casa de Cultura pode ser também né esse espelho, pros Xakriabá olhar e falar assim o nós podemos escolher o que nós queremos, nós queremos uma

escola? Queremos, mas nos queremos ela com características Xakriabá nós podemos opinar nos podemos dar as opiniões, isso aconteceu com esses projetos dessas casas modelo de COHAB com algumas escolas inclusive tem uma escola aqui na aldeia Sumaré e... eu gostaria assim, o que eu vou acrescentar na sua pergunta que nos Xakriabá principalmente nos aqui da comunidade é utilizasse mais a Casa de Cultura, tem uma folguinha meio dia então vem curtir aqui o conforto que a Casa de Cultura nos da, tem espaço pra todo mundo tem a cobertura central aqui tem os bancos ali que seu Levino trouxe pra gente sentar uma hora meio dia bater um papo a tardezinha, curtir aqui o... você tá protegido do sol, protegido da chuva do sereno e ao mesmo tempo você tá recebendo essa brisa que desse dessa estrada aqui e que vai e atravessa a Casa de Cultura né não podemos chamar mais de construção e lá é ventilado é fresquinho você vai ter o conforto que a palha tem, o conforto que a telha tradicional tem e vai se sentir abraçado pela Casa de Cultura. Sempre que eu passo aqui olho e me enche de orgulho assim não só por ser eu que construí aqui, mas é por ter ajudado a receber esse patrimônio, essa casa bonita, essa casa confortada então eu agradece mesmo de coração a todos, não vou falar o nome de um por que posso esquecer o nome de alguns então eu não vou me perdoar né.

4ª Entrevista

Nome: **Levino Gomes de oliveira**

Idade: **70 anos**

Profissão: **Aposentado (Liderança da aldeia)**

Aldeia: **Sumaré I**

Data da entrevista: **04/11/2018**

Entrevistador - Como surgiu à ideia de um projeto Casa de Cultura para o território, e como essa ideia chegou até o Sr.?

Por que a Casa de Cultura foi construída na aldeia Sumaré I?

Ao saber do projeto quais foram às orientações passadas para as pessoas envolvidas? E como foi discutido com lideranças e comunidade?

Sr. Levino - Meu nome é Levino, moro aqui na aldeia Sumaré sou liderança há 29 anos aqui no Xakriabá. Queria falar do nosso amigo De, desse projeto da Casa de Cultura, que desde 2004, ele vinha conversando mais eu que o interesse dele era de ter uma Casa de Cultura aqui na aldeia Sumaré, ele foi uma pessoa muito interessado de ter essa construção, primeiro ele queria fazer uma paioasca, até que ele juntou as madeiras, e dessa paioasca ele passou a criar um projeto lá em Belo Horizonte com Ana Gomes né, e com esse projeto que criou e foi levantada essa Casa de Cultura. No nome dele agente agradece a ele que foi uma pessoa que trabalhou bem, para o nosso povo, trabalhou bem para adquirir essa casa aqui, e essa casa aqui está sendo do Xakriabá em geral, para receber todas as pessoas, e pra nós e a maior riqueza que trouxe para as nossas aldeias Xakriabá, teve muito trabalho e muita reunião, e ele correndo atrás junto com as lideranças e caciques e até ele conseguiu, e através disso agente agradece também o município que contribuiu bastante nas duas construções das casinhas de lá de cima que foi na época, depois veio o projeto arrumando recurso que conseguiu esta casa que hoje está aí levantada e recebendo todas as pessoas daqui da reserva e também pessoas de fora, ela está aí de mão aberta. E a dificuldade que teve mais, foi de erguer este projeto, agradeço a associação do Barreiro Preto, Hilário e Odair que foi uma pessoa que desde o começo teve o maior esforço, trabalhou até voluntário para levantar este projeto, essas pessoas temos que agradecer de coração que eles ajudou muito e também Dé, que o projeto veio no nome dele, foi Dé que criou junto com as lideranças e cacique principalmente eu, que ele tinha um grande contato lá em casa, ele não saía dela de casa pegando informação como ele podia fazer, o que era bom para construir e eu sempre dava opinião a ele, vai enfrentar amanhã agente tem um grande resultado. Hoje Dé é um professor de cultura não é aqui na aldeia Sumaré, mas é na aldeia Caraíba, e ele trabalha para todos Xakriabá, e o resultado tá aí para todos ver, por que esta casa é conhecida no Brasil todo, só que ela está precisando de algumas reformas, tem lugar dela que está estourando, precisamos reformar para não ir abaixo, então tem alguns professores buscando um jeito de recurso para a reforma desta casa.

Esta casa chegou ao meu conhecimento porque agente sabia que antigamente não tinha nenhum professor de cultura, foi ai onde agente viu que esta Casa de Cultura ia trazer um bom resultado para o Xakriabá, por que agente sabe que primeiramente tem que trabalhar com a cultura e a cultura e a casa para resgatar a aquela cultura que nos perdemos, trazendo o conhecimento para os alunos por que com esta casa fortaleceu a cultura para o nosso povo. A ideia foi nossa mesma eu e Dé, sentamos tivemos esta ideia de colocar este nome de Casa de Cultura. Os envolvidos era seu Emilio, Adimar e os caciques e ai tivemos junto com Ana Gomes e onde passamos as orientações para eles, primeiro fez um levantamento com o município sobre este forno e esta duas casa ai né para poder criar o projeto e ver qual recurso iriam trazer para poder construir a Casa de Cultura junto com a liderança e cacique, e a ideia foi construir aqui mesmo, como aqui e o centro o xakriabá, com a comunidade foi bem apoiada, depois que o projeto estava provado, chamamos a comunidade e apresentamos e foi bem apoiada.

Entrevistador - Quais os benefícios que esta Casa de Cultura, tem trazido para a comunidade e território?

Sr. Levino - Os beneficio que a Casa de Cultura trouxe foi um bom resultado, porque quando fala de Casa de Cultura, a cultura esta na mão de cada um, porque ela traz o bem para o povo, nela tem uma grande ciência, experiência e encanto, nas apresentação cultural aqui apresentada tem um grande encanto.

Entrevistador - Como o Sr. vê a utilização da Casa de Cultura hoje?

Sr. Levino - A utilização da casa de cultura hoje está mobilizada sobre a ideia que nos todos tem está, funcionando bem graça a Deus, hoje temos uma rádio funcionando dentro na Casa de Cultura né, que faz a comunicação para todo Xakriabá isso pra nos é um grande resultado.

Entrevistador - Visando o uso da Casa de Cultura hoje em dia, qual o a ideia para reestruturação desse local como o senhor e a comunidade vê isso?

Sr. Levino - O que eu acho da mudança é continuar no que já tá né, e que a mudança que tem é o que eu já falei a reforma, e eu não quero mudança nenhuma de mudar os inventos, de sempre continuar no que já tá, é a mudança que eu quero mais é a reforma é essa que a gente tá precisando, e os inventos é esses mesmo né forante outros inventos diferentes, que a gente sabe que a Casa de Cultura não pode ter outros inventos diferentes, só os que pertencem mesmo à cultura dela.

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Sr. Levino – Bom o que ela representa para o povo Xakriabá, ela representa muito bem, porque quando tem uma Casa de Cultura dessa no Xakriabá é por que todo

mundo já sabe que ela tá trazendo um bom resultado pro povo, uma boa representação, uma boa experiência, uma boa cultura, para nosso povo pra todo mundo ficar sabendo que a Casa de Cultura, ela só traga bom resultado ela não traga má resultado, aquelas pessoas que tem grande interesse de trazer um bom resultado vem tudo pra aqui, por que aqui é o lugar de trazer um bom resultado da nossa cultura indígena Xakriabá.

5ª Entrevista

Nome: **Joel Gonçalves de Oliveira**

Idade: **33 anos**

Formação: **Ciências sociais e humanidade**

Profissão: **Professor do Ensino Médio**

Aldeia: **Sumaré I**

Data da entrevista: **25/08/2018**

Joel - Meu nome é Joel xakriabá, eu moro aqui na aldeia Sumaré I, e atuo como professor aqui a escola Bukinuk, no ensino médio. Dou aula de geografia e sociologia, e também atuo como professor de informática, aqui também recebo os visitantes que vem visitar a Casa de Cultura, onde eu falo um pouco sobre a história da Casa de Cultura, como o projeto surgiu, da construção e das atividades que foram desenvolvidas aqui na Casa de Cultura. Atuo também nas partes de registro audiovisual, produção gráfica de materiais, tudo isso foi desenvolvido graças ao projeto do Ponto de Cultura que veio como uma estrutura para a Casa de Cultura, onde ainda estamos registrando as atividades. E ainda dentro desse projeto que veio a rádio para fazer a comunicação nas aldeias, e através dela os eventos, palestras, reuniões, palestra que acontece aqui na Casa de Cultura, são transmitidas ao vivo através da rádio, dentro dessa rádio nos junto com a equipe de gravações fazemos gravação de músicas, dos cantos para produção de CDs e vídeo produzido pelos cineastas Xakriabá.

Entrevistador - Qual foi o seu primeiro contato com a Casa de Cultura? E em que ano?

Joel - O meu primeiro contato foi desde a elaboração do projeto, da maquete e da construção, desde a discussão como seria o andamento, desde o projeto da parte arquitetônica onde aconteceu aqui varias reuniões junto com a equipe da UFMG, da arquitetura, aonde eles vieram aqui, e sempre estava reunindo com a comunidade. E nesta época foi quando eu estava iniciando como professor no ano de 2005, e foi daí que eu comecei a participação que foi desde o inicio da apresentação do projeto pela equipe da arquitetura e da UFMG, juntamente com a professora Ana Gomes, a associação e comunidade. Quando foi apresentado esse projeto para a comunidade foi muito positivo, porque as pessoas tinha uma esperança de um lugar, onde pudesse compartilhar os conhecimentos, as sabedorias que estão na mente dos mais velhos da comunidade, desde o começo pensava no espaço de praticas onde isso seria uma forma de transmitir o conhecimento e os saberes, onde aconteceria as atividades culturais e o aprendizado também da escola junto com os alunos, professores, lideranças e comunidade. E também em um espaço de discussão de proposta de melhoria para as nossas comunidades e o que nos esperava estamos vendo hoje que foi um ponto muito positivo.

Entrevistador - Qual foi o seu envolvimento neste projeto?

Joel - O meu envolvimento foi desde inicio na participação das reuniões e também nos trabalho de registro, desde antes da construção da Casa de Cultura, eu tinha essa atividade de filmar, tirar as fotos dos processos dos projetos da associação que Evinha acontecendo, então quando começou a construção eu envolvi mais nesta parte de registro daqui da casa, e também e acolher pessoas, porque mesmo a casa em construção, muitas pessoas passava por aqui querendo conhecer o projeto e eu juntamente com meu tio Dé, agente fazia esse acolhimento das pessoas que visitavam aqui, e como a gente mora mais próximo da construção acompanhava as a pessoas.

Entrevistador – Você como professor, como foi e como é o envolvimento da escola com o projeto?

Joel - O envolvimento da escola com a Casa de Cultura e que as atividades culturais da escola está sendo desenvolvida neste espaço físico, porque antes era desenvolvida tudo na sala de aula, e com esse espaço que acabou sendo ocupado pelas atividades da escola com os alunos, que logo ao longo do tempo surgiu às vagas dos professores de cultura, e isso fez fortalecer mais as atividades aqui da Casa de Cultura. A escola participou e continua participando ocupando esse espaço com reuniões, palestras e atividades dos professores de cultura com os alunos, das noites culturais, visitantes que chegam aqui, e os alunos faz recepção com cantos, tudo que eles aprenderam com os professores de cultura, as musicas as danças.

Entrevistador - Você sabe dizer como foi pensado o uso da Casa de Cultura? E como ela vem sendo usada no decorrer do tempo, é igual se pensou ou teve mudança?

Joel - Desde o inicio a construção foi pensada em vários espaços para múltiplas atividades, oficinas ponto de venda de artesanato, museu e no espaço central da apresentação de danças culturais, no espaço da rádio, então esses espaços foram pensados dessa forma, com o Ponto de Cultura conseguimos ocupar a rádio com os equipamentos, já tem o estúdio da rádio e ali onde tem as atividades realizadas pela escola e pela comunidade, então é assim, a gente está em busca de projetos para estar estruturando cada parte da casa, por que o projeto foi mais na parte da construção, e ela esta sendo ocupada fazemos atividades aqui, amostra de vídeos, fotografia para mostrar um pouco do que está acontecendo no nosso território.

Entrevistador - Como se pensou o envolvimento dos jovens no projeto, para o fortalecimento da Cultura Xakriabá?

Joel - Foi pensado no jovem, no envolvimento no projeto o Ponto de Cultura, de estar preparando eles para varias praticas culturais, na parte da cerâmica, no artesanato de madeira e osso, nos cantos e também no registro, de formar jovens cineastas, jovens para trabalhar na parte gráfica. A Casa de Cultura trouxe vários projetos entrelaçados que foram puxando e desenvolvendo varias atividades na parte cultural, esse projeto

envolveu muitos jovens nessa parte, foi pensada para que eles praticassem essa pratica e ao mesmo tempo aprendendo os cantos e a fazer o artesanato, o projeto veio contribuindo para isso, eu creio que muitos jovens através das oficinas já sabem manusear o artesanato, tem uma formação de jovens de cantos, essas atividades que aconteceu aqui, a maior parte foi com jovens, principalmente por que a ideia era para eles dar uma continuidade para que ele venha estar aproveitando as oportunidades, e estarem aprendendo a buscar projetos, uma fonte de renda fazendo, aprendendo fazer fotografia, vídeos se capacitando profissionalizando também, por que isso ajuda bastante, mostrando para eles que não só na área da educação, mas que também tem outras áreas que deve ser ocupadas. O projeto da casa de cultura desenvolveu varias outras atividades que nos mostra outros caminhos que pode envolver os jovens, ela tem contribuído bastante pra isso, porque eu sou um exemplo disso, na época eu já trabalhava na escola tinha uma renda, más com o projeto do ponto eu fui ao mesmo tempo aprendendo com essa administração, porque eu não sabia e hoje eu já tenho um olhar diferente, e que isso ajuda bastante a dar continuidade na casa, estou sempre procurando projeto para estruturar a casa e também a envolver os jovens, para que isso venha dar continuidade, porque eu quero ver esses jovens no movimento da casa.

Entrevistador - O que foi o Projeto Ponto de Cultura Loas junto a Casa de Cultura Xakriabá?

Joel - O Ponto de Cultura veio para estruturar a casa dando mais suporte as atividades ele foi escrito em 2008, por estudante da UFMG, que estava fazendo pesquisa aqui no Xakriabá, junto com a comunidade, associação e outras pessoas. Em 2010 começou a funcionar em 2011, comecei a coordenar o projeto juntamente com o Sr. Nicolau que foi presidente da AIXABP, fiquei mais na parte de administração financeira dentro do projeto, foi um projeto que trouxe muitas oficinas, compra de equipamentos, câmaras fotográficas, computadores para fazer edição gráfica, entre muitos outros equipamentos para ocupar o espaço da rádio que era um sonho que a comunidade já esperava, e com esse projeto Ponto de Cultura conseguimos equipar essa rádio que hoje já esta funcionando. Tivemos muitas dificuldades, mas graças às parcerias da UFMG, da Terezinha Furiate do departamento de ações culturais nos deu um grande suporte pra gente, nas partes de licitações, prestação de conta e muitas outras burocracias do projeto que eu não tinha experiências. Através do projeto do ponto de cultura, veio trazendo outros projetos que foi contribuindo, a visita de outros coordenadores de outros Pontos de Culturas que veio aqui colaborando, fazendo oficinas fazendo intercâmbio de conhecimento, venda de artesanato e comidas tradicionais. Nisso a comunidade se envolveu bastante por completo, nas rodas de conversa que faziam nos cinemas e também na preparação da alimentação.

Entrevistador - Como o projeto do Ponto de Cultura Loas contribuiu para geração de renda no território?

Joel - Teve uma contribuição bastante na fonte de renda com o artesanato com a fotografia, filmagem porque muito dos jovens que participou das oficinas, hoje presta serviço dentro da comunidade tirando fotos de casamentos, fazendo cartazes e anúncios de eventos gravações de músicas tudo isso através do aprendizado que teve das oficinas oferecidas pelo projeto do ponto, porque antes era necessário contratar uma pessoa de fora para fazer isso, e hoje dentro das nossas aldeias temos jovens que está fazendo essa atividade.

Entrevistador - Quais as atividades realizadas através do projeto Ponto de Cultura Loas?

Joel - As atividades foram várias oficinas para capacitação dos jovens na área audiovisual, vídeos, arte gráfica e oficinas de gravação. Tivemos também oficinas de artesanato, cerâmica, osso e madeira, das plantas medicinais fisioterápicas, onde colhia as plantas e fazia o processamento para fazer o remédio, oficina de produção de sabão. Essa atividade do ponto tinha esse objetivo de agregar as atividades que estava esquecida, com as novas tecnologias de hoje e de incentivar mais as praticas culturais trazendo como um meio de sustentabilidade, como por exemplo, o registro dos processos de cada pratica. Tivemos também uma oficina de gestão cultural onde a nossa parceira Terezinha que administrou essa oficina para que agente venha ter uma noção de como buscar um recurso para dar continuidade das atividades aqui, mas não só por causa do recurso, mas principalmente para contribuir mais. Durante esse período de atividades tivemos muitos convites para agente estar participando em oficinas de outros Pontos de Cultura, de outras associações e eventos, e foram envolvidos muitos jovens, durante as atividades tivemos muita parceria de outras organizações que junto com agente desenvolveu outros projetos, um exemplo disso foi a ONG de São Paulo que a gente teve uma parceria na produção de livro feito com capa de papelão e isso nos incentivou a trabalhar a reciclagem, que ao mesmo tempo produzisse material daqui mesmo do conhecimento dos alunos, uma oficina que foi feita nas escolas de varias aldeias com os jovens. O Ponto de Cultura envolveu em varias atividades na pratica que envolvia a comunidade, onde estivesse um evento, o Ponto de Cultura estava ali presente no registro das atividades, isso contribuiu bastante como uma fonte de memoria para o povo Xakriabá, porque ao logo do tempo muitas coisas se perderam, muitas pessoas mais velhas sábias cheias do conhecimento, já partiram, mas quando registramos um pouco desses conhecimentos arquivando produzindo material, temos um meio de transmitir um pouco para as futuras gerações, eles não vão estar presente, mas vai estar registrado o seu conhecimento através do registo, fotos e quando tem evento aqui no espaço agente coloca uma amostra de fotografias dessas pessoas anciãs, as pessoas ficam muito emocionadas, por isso aqui também é um lugar de memória.

Entrevistador - Nos dias de hoje, como vem sendo utilizado todo espaço da Casa de Cultura?

Joel - Bom ,hoje como a casa está localizada próximo ao parque das cavernas Peruaçu e o pessoal que visita a caverna eles ficam sabendo que aqui tem um povo indígena e eles acabam vindo para cá visitando e a referência aqui no nosso território e casa de cultura e em questão de evento grande que envolve todo território ,como reunião ,palestra ,capacitação ,formatura e noite cultural e feito sempre aqui neste espaço da casa ,hoje ao lado da casa tem a cozinha tradicional e casa de medicina onde contribui muito pra os evento realizado aqui .tem as atividade realizada pelos professores de cultura ,onde eles se reúne com os outros professores de cultura de outra aldeia ,e trocam experiências tanto na área musical ,no artesanato então falar em atividade cultural esta sempre em referência pra essas praticas .

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Joel – A casa de cultura tem uma representividade muito grande para o nosso povo porque ela envolve história, pratica, memória e cultura e envolve educação e saúde. Quando outras pessoas lá de fora olham para a casa de cultura eles ficam fascinado com a estrutura, porque ela foi construída seguindo as característica com as praticas tradicionais ,e ela esta sendo bem valorizada pelas pessoa lá de fora ,e aqui a gente tem essa obrigação de estar fazendo esse movimento para que ela venha ser a cada dia mas valorizada ,porque ao longo do tempo dos acontecimentos a casa vem construído uma historia ,e isso tem um significado muito grande ,e se cada dia nos se envolver mais nela ela só tem crescer porque ela tem um grande valor pra todos nós ,contribuiu bastante para esse movimento de transmissão de conhecimento, para o crescimento do nosso povo ,para o envolvimento da comunidade e a escola e isso representa muita união para nos Xakriabá. Hoje precisamos mais e dos jovens para buscar projeto para reforma da construção, porque já se encontra muitas parte em decomposição pelos cupins, também para ocupar os espaços para dar continuidade aqui neste projeto da casa .

6ª Entrevista

Nome: **Nicolau Gonçalves Alquimim**

Idade: **48 anos**

Formação :**Ensino médio**

Profissão: **Professor de Cultura**

Aldeia: **Vargens**

Data da entrevista: **06/08/2018**

Nicolau - Meu nome é Nicolau moro aqui na aldeia vargem, antes eu morava na aldeia Barreiro Preto, hoje moro na aldeia vargens, sou professor de cultura, pela secretaria da escola daqui da aldeia Sumaré 01, que faz parte com mais seis aldeias que e Vargens, Sumaré 03, Peruaçu, Sumaré 02, Custódio e Caatinginha. Comecei a trabalhar desde 2007, vim também fazendo parte da organização comunitária desde 98 que foi criado a associação da aldeia Barreiro Preto e eu vim fazendo parte dela, hoje tenho 48 anos.

Entrevistador - Como foi sua trajetória na Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABP)?

Nicolau - Minha trajetória na associação da aldeia Barreiro Preto, começou a partir desde quando foi criada a associação da aldeia Brejo mata fome que foi a primeira associação que foi criada aqui no Xakriabá em 94, ai eu fiz parte da associação do brejo como sócio e criou a segunda que foi a associação do Barreiro em 1998, quatro anos depois por que a associação foi criada a do brejo primeiro, ai só depois de quatro anos foi associação do Barreiro Preto e associação do Barreiro Preto começou com Valdim como o primeiro presidente da associação, o segundo foi João de neném como presidente, o terceiro presidente no terceiro mandato foi hilário, no quarto eu fiz parte de dois mandatos junto com Hilário, no quinto também foi Hilário e eu também participei como vice-presidente, no sexto fui presidente no sétimo fui presidente no oitavo também fui presidente que foi dois mandatos de vice e três mandatos de presidente, seis anos mais de frente da associação.

Entrevistador - Como chegou o projeto Casa de Cultura ao conhecimento do senhor?

Nicolau - Na verdade o primeiro contato do projeto foi por que, quando o projeto chegou aqui na aldeia Sumaré para discutir que era uma casa de cultura do povo Xakriabá que estava localizado aqui na aldeia Sumaré, nessa época a UFMG com a parceria com a comunidade e a associação agente foi discutindo como que era a forma de executar esse projeto na base porque tinha toda parceria dos bolsista com pessoal da UFMG que faziam parte do projeto que o pessoal da Itália repassava o recurso para ANAI e ANAI repassava para associação, então o meu conhecimento já foi o projeto já em execução porque a partir que veio aqui que começamos discutir o projeto fizemos

a roda de conversa de conhecimento daqui do local um sonho que o povo tinha, então esse sonho foi realizado então o primeiro passo foi sentar e fazer a roda de conversa e a partir daí a associação entrou como parceira a ANAI repassava o recurso para associação, assim que o pedreiro faziam o levantamento do que iam fazer a ANAI repassava o dinheiro para a associação.

Na verdade esse projeto foi feito na aldeia Sumaré 01, ate por que De conhecido como Edvaldo já vinha trabalhando com o artesanato e aqui no Xakriabá não era muito assim, tinha alguns que trabalhava o artesanato a muito tem, mas em questão do barro, artesanato de semente, osso, madeira não tinha pessoas que trabalhavam aqui com esses materiais. Então a partir daí De começou a trabalhar com osso, madeira ai ele teve a ideia de trazer aqui para esse ponto a madeira que era para levantar a casa de cultura e na época era um pouco difícil a questão do recurso, e ai veio essa parceria do UFMG trabalhar esse projeto junto com ele, ate dentro da universidade para ajudar construir essa Casa de Cultura.

Entrevistador - Qual foi o envolvimento do senhor neste projeto?

Nicolau - Quando esse projeto começou hilário era presidente na época, e ai em 2008 eu assumi a associação e quando eu assumi a associação eu já vinha participando da casa de cultura como vice-presidente porque agente acompanhou todo projeto toda coisa que o presidente trabalha o vice vem trabalhando junto e ai já assumiu como presidente e as partes das prestações de conta eu já tive mais diretamente envolvido, que a UFMG na pessoa do Roberto que era o coordenador que ele vinha aqui e estudava um pouco sobre a Casa de Cultura, conversava com Odair que era o pedreiro, e ai eles repassava mais ou menos o que tinha que fazer e ai a ANAI que a associação que recebiam o recurso repassava para associação aquele valor que era permitido para aquela compra. Edgar acompanhou o projeto que era para prestação de conta tinha um valor que ele ganhava na época era cem reais para prestação de conta para não acartar para o presidente, então Edgar ficou responsável de uma parte da prestação de conta do projeto da casa.

Entrevistador - Como a associação contribuiu para o desenvolvimento do projeto?

Nicolau - Assim, a associação contribui porque quem estava de longe como a ANAI que recebiam o recurso ela não tinha como esta sempre aqui, então a ANAI e uma instituição que já vinha trabalhando a muito tempo com os povos indígenas, então e uma associação que apoio muitas coisas, só que pra trabalhar na comunidade precisava de internamente de uma associação para repassar o recurso, e ela fazer seu procedimento de prestação de conta, a associação recebia o recurso e todo recurso que era comprado o material era pegado nota fiscal, o Xerox era tirado a copia montando a prestação de conta para repassar para ANAI para ANAI repassar para a instituição que era financiadora que era o pessoal da Itália, a ISCOS e foi desta forma que veio funcionando.

Entrevistador - Para finalizar, o que você acha que a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá?

Nicolau - Na verdade a Casa de Cultura representa para o povo Xakriabá uma identidade muito forte, porque antes da Casa de Cultura, eu me lembro que Xakriabá trabalhava sua cultura mais não mais frequente, usava a pintura algumas coisas mas não tão frequentes e até questão de grupo para fazer apresentação cultural, existiam em algumas aldeias que Evinha naquela tradição, e antes também não tinha condições de fazer apresentação cultural até porque era surpreendido por fazendeiros, então daí pra cá ficou um pouco adormecido em questão de divulgar ela mais além, aí com a casa de cultura se vê que uma época atrás poucas pessoas usava o cocar a pintura e depois com a Casa de Cultura, ela se começou a se juntar o Xakriabá, as vezes se reunia em uma aldeia, mas pra reunir o povo Xakriabá mais, foi concentrado aqui na Casa de Cultura. A partir daí ela foi muito importante, um símbolo para que o povo desce mais valor, e foi trabalhando em cima disso, essa questão de organização, e a onde agente também discutiam, mesmo que a associação Barreiro Preto, estava executando o projeto, traziam também outra associação para discutir o mesmo assunto, porque a Casa de Cultura, ela não só era da associação do barreiro preto ela e de todo povo Xakriabá, esse projeto da casa de cultura é importante porque ela trouxe aqui para a comunidade em questão de outros projetos, porque quando fez a Casa de Cultura pensava em produzir o artesanato aqui mais local, só que agente percebeu que as construções de artesanatos ela estava mais localizado em outras aldeias também, então foi pensada nas mini casa de cultura, onde hoje estão localizado nas aldeias veredinhas pedra redonda e pindaíbas, e foi comprado ferramentas para todas essas aldeias que foi Sumaré III, Peruaçu, Vargens, Caatinguinha, Pindaíba, Pedra Redonda, Itapicuru e Veredinha, foi comprado para essas oito comunidade e a construção foi nesta três que falei. Então através desse projeto da Casa de Cultura que esta localizada aqui na aldeia Sumaré I, muitas oficinas tanto no artesanato, na medicina, oficinas de sabão e também em questão do ponto de informática, teve curso de informática, vídeo e curso também da radio comunitária que hoje nos temos a radio localizado aqui na comunidade daqui do Sumaré I, então a importância da Casa de Cultura ela não veio só pela estrutura, ela também veio buscando outros resgates e outros recursos, porque quando se escreve um projeto que o Xakriabá tem um histórico muito longo, a aprovação do projeto para o povo. Então foi por aí que agente conseguiu avançar, essa questão da Casa de Cultura do Sumaré, que ela hoje é de todo povo Xakriabá, um local sagrado que inclusive que pode ver lá na abertura de vim visitar o local, foi feita orações que graças a deus hoje ela esta aqui construída na aldeia Sumaré I. Esse é o recado que deixo para o povo Xakriabá a importância que tem essa casa de cultura que agente vem desenvolvendo o resgate da cultura que agente vem desenvolvendo o resgate da cultura não é só trabalho na área da cultura, espiritual, corporal, não também alimentar que o resgate da semente e também o extrativismo que é uma coisa natural que é do cerrado da mata, projeto trouxe mais reconhecimento para a população Xakriabá e também para a população fora do Xakriabá, porque quando vem

de fora o pessoal para pra registrar a Casa de Cultura, o pessoal fica com a planta que foi colocada no projeto e a estrutura e ela, o pessoal vem muito a comentar dessa estrutura que foi muito boa, e acha que esse reconhecimento na casa de cultura, que ela esta conectada aqui na aldeia na aldeia Sumaré, mas a maioria das assembleias esta sendo aqui em questão da educação, saúde e principalmente da educação eu acho que e bastante importante que foi apresentado todas as pesquisas dos professores, aquilo que e feito na comunidade e importante trazer a comunidade aquela fala, que foi pesquisado, isso trás um reforço para qualquer pessoa que foi na casa dos guardiões das sementes, nas pessoas mais sabias que deu entrevistas, eles ficam muito mais contente de ter contribuído para a formação dos estudantes. Então a Casa de Cultura mostra que ela e o símbolo do Xakriabá, que veio para fortalecer toda organização interna que tem a organização de caciques e lideranças, um trabalho que e bem respeitado pelo Xakriabá e que isso possa continua para sempre, porque com isso passa chuva, passa sol, mas a força da comunidade ela continua firme, para buscar projeto não só cultural mais também a parte social. Esse e um patrimônio que qualquer instituição se compartilha com o povo indígena, quilombola e vazanteiros. Só que esse projeto também precisa de nos aqui da base erguer, precisa estar fazendo uma reforma, porque se qualquer projeto finaliza com três ou quatro anos de construção, mas ele depois depende de uma reforma, igualmente uma casa da gente, porque para nos ter uma Casa de Cultura bem preservada precisamos-nos internamente se organizar bastante.

7ª Entrevista

Nome: **Roberto Luís de Melo Monte-Mor**

Idade: **72 anos**

Formação: **Arquiteto, pós graduação em Planejamento Urbano e regional, professor de Economia.**

Profissão: **Professor na Faculdade de Economia e na pós graduação de Arquitetura, pós graduação de Ciências agrárias de Montes Claros UFMG, Pós graduação na CDPLAN.**

Cidade: **Belo Horizonte - MG**

Data da entrevista: **16/04/2019**

Entrevistador - Bom pra começar eu queria que você se apresentasse falasse o seu nome, idade profissão atual né e localidade também está residindo?

Roberto - meu nome é Roberto Luiz de Melo Montemor tenho 72 anos completos começando os 73, sou arquiteto originalmente ai fiz pós graduação na área de planejamento Urbano e regional e sou professor na faculdade de economia e na pós-graduação da arquitetura e na pós-graduação de ciências agrárias em Montes Claros da UFMG um programa sociedade ambiente e território. Em fim é isso...

Ana - E pós graduação na CDPLAN

Roberto - É .. uma pós graduação da economia na CDPLAN

Entrevistador - Residindo...?

Roberto - a eu moro por enquanto na Rua Caldeira Brant 70 a 35 anos

Entrevistador - Aqui mesmo em Belo Horizonte né,?

Roberto - Aqui mesmo em Belo Horizonte no bairro Sagrada Família.

Entrevistador - Bom então a gente tem aqui um roteirinho que a gente preparou de algumas éé questões que a gente tem dúvidas sobre o tema né do trabalho que é a Casa de Cultura e se tiver alguma coisa também a mais acrescentar durante esse esse ... além da pergunta a gente tá fazendo você também pode tá tá livre pra poder acrescentar. Então a primeira pergunta que a gente tem é qual foi seu primeiro contato com projeto Casa de Cultura?

Roberto - Olha o meu primeiro contato com o xakriabá foi em agosto de 2004 éé nós fizemos a primeira viagem que era para preparar uma pesquisa que chamava

conhecendo a economia xakriabá pesquisa de campo que cobriu todo universo das 54 ou 36 aldeias é feita através dos alunos, né cada aluno aplicar um questionário em suas aldeias e junto com isso nós tínhamos um projeto de Economia popular e solidária que era para conseguir um recurso a mais para viabilizar a pesquisa conhecendo a economia e nisso nós estamos discutindo uma série de possibilidades de como incrementar né a economia Xakriabá particularmente produzir coisas que pudessem ser vendidas na medida em que a população tava cada vez mais demandando o dinheiro não era mais a questão de sobreviver da Terra apenas mais uma série de coisas que tinha que ser compradas fora então começaram a discutir as possibilidades de artesanato de cerâmica esse projeto incluiu um sub projeto na área de fisioterapia também foi uma ideia né de fortalecer a fisioterapia foi desenvolvido por uma professora da UFMG, Graça Lins Brandão e um projeto de cerâmica que deu origem aquelas duas casinhas que tem lá lá para preparação da massa e o forno catenário desenvolvido por um geofísico professor da Federal de São João del-rei Rogério Godoi e foi nesse bojo que esse trabalho foi se desenvolvendo em 2004/2005 ou seja basicamente a economia né e a nossa preocupação maior era como articular a economia Xakriabá com a economia externa vamos dizer criar bases exportadoras usando o linguajar aí da economia Regional e desenvolver práticas que pudessem até mesmo internamente a gente fez levantamento por exemplo do gasto que as cantinas das escolas tinham e ver se os Xakriabás podiam fornecer alimentos fomos ver coisa da favela como é que funcionava porque já era uma coisa que era vendida para fora lembra da fava da favela então enfim estávamos tentando mapear um pouco que que existir e a questão do Artesanato era sem dúvidas uma das Vertentes principais então a Casa de Cultura veio no bojo disso porque aí o que que aconteceu quer dizer houve essa proposta desse amigo da Ana Gomes mais que era um senhor já trabalhava no Brasil há bastante tempo de uma Central Sindical italiano Sindicalista Henrique Justo

Ana - Enrico Justin

Roberto - No plural Justin, seria justo se fosse concordar.. E fizemos então uma reunião com ele aqui quando os Xakriabá tavam aqui foi uma reunião até muito engraçada na churrascaria no seu Emilio o seu pai Dé ... todo mundo então tem umas 30 pessoas mais ou menos do lado tava acontecendo na reunião do Rotary Club os caras ficaram assustados depois vinheram tentar descobrir quem que que era aquele pessoal seu Emilio de cocar e tal. E aí a ideia do Enrico era aqui eles queriam dar algum dinheiro

para Xakriabá fazer alguma coisa que fosse concreto algum tipo de construção alguma coisa desse tipo e nessa reunião na discussão chegou-se à conclusão de que seria um espaço pro artesanato mas aí Casa do Artesanato não então uma coisa mais ampla Casa da Cultura e como o Dé era o que mantinha uma espécie de um treinamento de jovens artesãos nos fundos lá na oficina dele nos fundos da casa do seu avô e tinha esse terreno em frente da escola ficou já definido que seria ali no Sumaré em frente a coisa se a Casa de Cultura e para mim foi muito bom né porque apesar de dar aula na economia de tá trabalhando lá com a economia originalmente eu sou arquiteto talvez uma possibilidade de trazer arquitetura para dentro do trabalho também e acabou que essa proposta do Enrico que era centrada nessa Central Sindical Iscos né ela ganhou outras dimensões ele fez outras articulações E aí teve o apoio da Província de Mônaco um apoio indireto eu acho do governo italiano né

Ana - Não oficial, foi oficial da Província de Mônaco

Roberto - Da província sim, mas do governo italiano não né porque a ministra veio mas não aportou o dinheiro diretamente

Ana - não, dinheiro só da Província de Mônaco, o Iscos é o Instituto de Cooperações Internacional da Central Sindical.

Roberto - e aí resolveram então que estariam 60.000 euros que um dinheiro pouco, mas significativo na época pra construir aquilo a partir daí que a gente foi discutindo como fazer né.

Entrevistador - Já que você citou um pouquinho dessa mesclagem da economia com arquitetura né tem uma pergunta com esse sentido como foi essa mesclagem do conhecimento arquitetônico da cidade com o conhecimento cultural de construção de Xakriabá que foi usado essa mesclagem para construção da Casa de Cultura né?

Roberto - Essa foi uma preocupação desde o início né quer dizer definitivamente nós não iremos fazer uma construção urbana né alguma coisa assim então nas discussões com as lideranças ficou claro que no imaginário era uma coisa redonda então tinha que ser uma uma construção Redonda então a dimensão a gente se baseou um pouco na casa Comunitária no centro comunitário lá do do Brejo.

Ana - Não é centro comunitário é o quiosque que tem lá na escola.

Roberto - Não chama centro comunitário não?

Ana - Não

Entrevistador - Um espaço de reunião.

Roberto - É um espaço de reunião ali do Brejo que tem a dimensão externa dele é a dimensão interna da Casa de Cultura 22 m de diâmetro entendeu e como a gente já tinha construído essas duas casinhas do artesanato a casinha de massa e a casinha do Artesanato e o forno lá em cima a ideia foi usar aquele espaço ali como uma espécie de anfiteatro então criar aquelas arquibancadas né no próprio terreno como uma forma de integrar os dois espaços e ao mesmo tempo servir como uma espécie de arquibancada de anfiteatro o que acontecesse na are interna da Casa de Cultura e a ideia era construir com os materiais originais ou seja madeira, barro e palha mas ficou logo decidido que a cobertura não seria de palha o pessoal queria que fosse uma cobertura de telha então fomos buscar as pessoas que produziam telhas antigamente na região porque ideia era resgatar o que pudesse a madeira ficou claro que não teria condições porque a madeira tá muito degradada a madeira maravilhosa que poderia ser usada tava em processo de extinção que o capim-açu que parece um eucalipto é mais bonita e mais lisa e tal e etc mas eles não sabiam plantar tinha um restinho lá em Rancharia e algumas poucas ali perto do seu Emilio mostrou algumas pequenas aí o pai do Odair também ali no quintal ele para trás mas que não daria então resolvemos que a madeira a gente ia ter que comprar e as eucalipto né o o barro eu fiquei tentando convencer o pessoal já tava já há algum tempo tentando despertar as pessoas para ter tudo de terra existe uma temperatura grande mundial e no Brasil de resgate de arquitetura de terra de várias formas eu levei várias fotos etc e ninguém se manifestava muito ninguém se interessava muito até que surgiu a ideia de usar arquitetura de terra mas com tecnologia incorporada que seria saindo adobe e passar para o tijolo de solo-cimento então eu descobri um rapaz aqui que fazia máquina de tijolo solo-cimento mas mesmo assim ficava meio olhando torto não levando muito a sério até que nós fizemos um encontro de professores de Cultura aqui no Kairós que é o centro comunitário em macacos Nova Lima e o primeiro dia não foi só do Xakriabá os Pataxós estavam também eles mostraram a máquina de fazer tijolo de solo-cimento e como tratar bambu e também era uma possibilidade que a gente tinha pensado em usar bambu e aí o pessoal ficou atento no dia seguinte voltaram com Cacique, Zé Nunes não sei mais quem não sei mais quem e já fechamos a coisa do tijolo solo-cimento às vezes eu conto isso pra falar que eu fiquei tentando com fotos lá e etc e não tinha resposta nenhuma o dia que eles viram coisa funcionando queria que eu

comprasse a máquina no dia seguinte como já tava mais ou menos conversado com o rapaz da máquina Frederico aí nós compramos essa máquina com recurso dos italianos né e ficou resolvido então seria o tijolo de solo-cimento e telha então será ser produzida no local e a madeira comprada então na verdade a gente está usando a tecnologia tradicional né que era a telha de barro feita na região o adobe mas agora como a tecnologia incorporada que é um traço de cimento e a madeira mais usando madeira comprada depois que tava tudo pronto a gente fica maquete tal etc quando a gente foi apresentar o trabalho já na época de de marcar o seu Emilio levantou e disse assim ah mas tem que cobrir o a parte central se chover como é que faz eu falei assim ah seu Emilio se chover corre não Não não tem que ter uma cobertura central e tal etc aí eu falei mas não pode ser uma cobertura de telha porque a cobertura central de telha vai acontecer a mesma coisa lá do Brejo vai pesar muito então vamos ter que fazer uma cobertura de palha e como tinha uma ideia de plantar no centro do círculo um Itapicuru subisse por ali fora então a gente fez a cobertura de palha também deixando o buraco Central para o itapicuru subir por ali fora cabou que esse negócio nunca foi plantado entendeu mas mas na verdade ela foi construída e toda Projetada sem a cobertura central e optamos logo nisso também por uma única água um jargão acertou duas águas é uma água para cada lado única água é só um telhado único e aí na hora de fazer por causa da a opção que você tinha lá botar ripas e tentar vir ripando aquilo tudo mas eu fiquei achando que seria interessante fazer um telhado baiano que não tem ripa é só os caibos só que os caibos começaram lá em cima com 15cm terminada cá embaixo com 45 por causa do tamanho grande começavam juntinhos e aí abrindo né eu então par fazer a coisa redonda nós tivemos que desenhar três tipos de telha lápis diferentes então tem a telha primeira lá de cima telha do meio e a telha cá de baixo e acabou que funcionou legal mas tem que fazer uns ajustes importante peguinhos e tal mas é bonito né e ficou e mais simples de uma certa forma e naqueles lugares onde não tinha telha a ideia era que ficasse um pergolado dava um iluminado interessante então quilo foi coberto com palha parcialmente então na verdade nós inauguramos à Casa de Cultura sem o telhado sem a cobertura central sem o telhado central foi feita posterior e aí você já participou diretamente dela né me lembro de ficar preocupado com você pendurado lá em cima o que uns 13 anos?

Entrevistador - Em 2010 em 2009 mais acho que tinha uns .. é 15 anos 14 anos nessa faixa..

Roberto - Menininho pendurado em cima daquela corda numa rapidez danada.

Entrevistador - Outra questão aqui acho que você citou muito bem aí também não sei se você quiser, reforçar alguma coisa. Quais foram às possibilidades e as dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do projeto

Roberto - Olha essa coisa de resgatar a tecnologia de construção tradicional trazendo incorporando outras tecnologias e incorporando coisas mais contemporâneas é é .. no começo foi relativamente difícil né o próprio pessoal o Odair tem um depoimento muito bonito nem que ele fala isso que achava aquilo muito esquisito tal etc.. que não queria trabalhar lá então depois ele foi-se percebendo nós fizemos o projeto por mais simples possível e a ideia era ter um que é chamado de engenheiro responsável né que era o Odair que era o mestre de obras assim e ter um treinamento para o pessoal que fosse trabalhar lá então você tinha os assistentes ajudante de pedreiro então a gente que não tinha nenhuma experiência com esse tipo de trabalho né e que foi sendo formada lá eu não sei quantos mas foram muitos né que passaram por ele né ficavam 4 ou 5 meses trabalhavam um tempo depois saiam a própria dinâmica da construção previa isso né formar gente nessa área a questão das telhas foi um pouco complicado porque houve casos que o cara prometeu que ia fazer então fez e aí ou fez de tamanhos diferentes errados então isso deu um certo trabalho né de administrar essa questão da telha foi meio meio difícil a parte de construção funcionou bem né os tijolos logo logo pegou o seu ritmo e tava produzindo em torno de 200 300 por dia que era suficiente, depois surgiu aquela ideia de usar os toas diferentes né para fazer um desenho eu acho que fizeram isso com muita competência a gente sempre teve a preocupação Como como o projeto não é um projeto de alguém né eu tinha alguns pressupostos os Xakriabás tinham um pressuposto de que era redondo o tamanho a dimensão eu me baseiei nessa coisa do Brejo e no tamanho que a gente achou que seria razoável quer dizer tivesse uma praça central de 22 M era uma praça legal suficiente a coisa de uma água única era para simplificar e também para marcar marcar a coisa assim indígena de uma certa forma e resolvemos logo que a parte de cozinha e a parte de banheiro era uma parte mais complicada se chama de área úmida não ia acontecer ali que aconteceu do lado de fora eventualmente então a ideia era fazer um banheiro

seco o rapaz que trabalhou no começo um arquiteto que tinha alguma experiência nessa coisa de madeira, mas tem sensibilidade para essas coisas que é o Vitinho chamado de Vitor Moura jovem arquiteto que fez inclusive esse desenho aí mais conhecido no projetinho inicial etc o Vitinho tem um projeto de um banheiro seco que ele ganhou um prêmio com isso na Rocinha certo então a ideia é construir um banheiro seco ali do lado como tinha aqueles banheiros da escola das duas salas aquilo ali era usado e ali tinha uma cozinha também a gente achou aqui no não ia mexer com isso apesar de sempre implicar com esse então ficou mesmo decidido o programa da Casa de Cultura era uma sala multimeios uma sala de artesanato é é , uma especie de Museu e um espaço que seria o espaço de vendas que é aquele que abre falado que não aconteceu nada disso dessa forma né em termos a ocupação em termos de apropriação mas nós vamos construindo para o bloco primeiro aquele bloco que um espaço de multimeios das pessoas se encontram tem aulas e tal etc e fechamos tinha uma outra questão também interessante que é o seguinte é pra fazer nessa dimensão que a gente queria tava um pouco apertado eu cheguei a propor que a Casa de Cultura em globasse aquela aquela a construção que já existi a antiga creche né que a gente juntasse aquilo mas englobasse fosse incorporada Casa de Cultura pessoal não gostou disse que queria uma coisa separada que não tocasse ai então pra separar e não ficar muito apertadinho ficava embolado do lado de lá né aí nós fomos conversar com seu Emílio né na época que disse não não aquele terreno ali da Josefa eu te dei eu vou lá e tiro a faixa né E foi no dia da marcação da Casa de Cultura da implantação que gente botou o mastro central e demarcou as coisas e etc ele foi lá e conversou com a dona Josefa aí conseguiu mais 10 m ali então a cerca dela chegou para dentro em direção a a casa dela mais 10 m para dar uma folga para não ficar a Casa de Cultura grudadinha na cerca e tal e aí foi legal né fizemos cerimônia vc estava lá, vc lembra? uma roda em volta todo né todo mundo deu as mãos e tal foi bem bonito legal

Ana - Foi um ritual para a instalação do inicio da Casa de Cultura.

Roberto - Então a gente sabia que tinha gente competente não só o Odair mas outros Rufino foi uma pessoa também que pensamos no final o Odair que tava mais disponível e você tinha esses tipo Ramiro, jovens que podiam trabalhar e ajudar então é lógico que não é uma construção convencional então as pessoas tinham que comprar a ideia e o Odair foi ótimo depois porque depois a gente montou um sistema em que como como como você tem assim algumas ideias e alguns Estagiários que trabalharam

particularmente Lígia Tito né Ana Rosa fizeram propostas muito interessante o primeiro foi esse rapaz Tito Marcos agora nem to me lembrando do nome dele Marcos qualquer coisa e que se afastou depois que acabou o estágio dele e foi mexer com outras coisas aprendeu a fazer maquete por causa daquilo lá prendeu o com o Vitinho fazer uma maquete de papelão passou um tempo aí ganhando dinheiro com isso e sobrevivendo e agora voltou tá fazendo mestrado sobre arquitetura indígena e trabalhando principalmente pelos índios aqui da Região Metropolitana e depois veio um conjunto de moças Lígia Pinto que foi uma figura teve uma contribuição importante, desenhou muita coisa e ajudou também aquela vedação foi a partir de conversas com Odair né que a gente resolveu fazer aquelas aquelas vedações pivotantes a gente já era pivotante mas fazer aquilo com as sobras das das viguinhas, dos caibos etc para aproveitar Aquilo livro Uma solução interessante E aí houve as propostas das palhas fomos lá pro Peruaçú para a mulher do Jorge e o próprio Jorge fazer aquelas esteiras de palha para fechar tal etc depois a Ana Rosa teve um participação também interessante participou bastante eu não vou saber não lembrar de todos da arquitetura depois da Ana Rosa, Ana Rosa foi a última será eu tenho impressão que sim da arquitetura né porque os outros são da economia né então não... objetivo também ela construir com os Xakriabá né e não pros Xakriabá né então a gente teve sempre essa preocupação de não tomar decisões sem discutir né então o Odair tem esse depoimento muito bonito etc por que na verdade ele se sentiu muito fortalecido porque o papel dele passou a ser muito Central várias daquelas coisas são soluções técnicas dele entendeu de como prender aquele negócio né tinha épocas que ele fazia por exemplo os ganchos de para prender as madeiras ele fazia aquilo papelão o Edgar fotografava e mandava para o computador eu dava palpite mandar de volta para o lugar onde ela passava para ele entendeu a coisa daquelas portas também de vedação então foi um processo muito interativo com o pessoal muita gente dando palpite etc e esses alunos tiveram papel expressivo também na verdade um projeto a muitas mãos ele não tem meio medieval você não tem... é uma obra de criação coletiva.

Entrevistador - Outra coisa aqui também é que a gente ficou com dúvida também se essa foi a sua primeira participação em um projeto arquitetônico né e arquitetura cultural em território indígena?

Roberto - No território indígena foi eu tenho vários projetos como arquiteto etc residências e sede de empresa, mercado etc na época que eu trabalhava mais arquitetura e fiz alguma coisa não exatamente um projeto mas participei de uma assessoria construção de habitação na fronteira amazônica mas nada indígena sempre foi.. esse foi o primeiro contato com o universo indígena sistemático.

Entrevistador - Então qual foi a contribuição experiência profissional que você adquiriu com esse projeto?

Roberto - Olha eu acho que principalmente é esse uma coisa que eu já tinha como um pressuposto mas que nunca tinha praticado na verdade que era essa coisa de construir junto né essa ideia de você eu sempre a minha geração criticou muito o que a gente ama lá dentro 6B é um cara que pega um lápis 6B sabe o que é um lápis 6B? O lápis tem o mais dura 2 H-1H HB B 2B 3 B 4 B 5 B 6 B 1 B, 6B é carvãozinho desse tamanho assim bem grosso entendeu então que a gente chamava de arquiteto 6B tipo Neymier, pega um papel em branco faz aquele desenho assim constrói entendeu, essa coisa meio de cima para baixo né que é uma coisa muito modernista né do do do... a minha geração fez essa crítica muito forte né na época da escola de arquitetura tem algumas experiências que eu conhecia na época que eu trabalhei na Amazônia é mas que eu não participei como arquiteto participei como planejador que era por exemplo fazer painéis pré-moldados usando canela de Ema e Barro misturado com cimento em vez de fazer aquele solo-cimento aquele de tijolinho fazer painéis de usando com ferro em vez de Ferro canela de Ema que é aquele um col né e na época da década de 70 quando eu acordei o trabalho grande em Rondônia que eu contratei um arquiteto para fazer projetos de habitação fixa e móvel para a população de colonos, então quando o cara mudasse de lote o cara levava habitação com ele alguma coisa assim então foi o primeiro contato assim com com alternativas construtivas né quando eu fui fazer um projeto de uma casa de fazenda de um primo lá no estado do Rio eu fui vê um pouco como é que era construção antiga as coisas era meio de adobe acabou que a gente não usou porque ela não tinha gente ele preferiu contratar uma empresa de fora e construir a casa dele mas eu tô querendo dizer o seguinte eu sempre tive essa preocupação de achar que tem uma técnica construtiva antiga e o que foi se degradando que ela tinha que ser resgatada e que você tinha que incorporar

tecnologia contemporânea nisso é uma experiência do Xakriabá foi uma oportunidade de experimentar isso de viver isso diretamente.

Entrevistador - É agora entender um pouco sobre como foi a participação com as instituições que financiaram o projeto, como você já citou aí né instituições Italianas, convenio com o povo Xakriabá, UFMG, Prefeitura Municipal também acho que veio esse contato com a Associação também Xakriabá do Barreiro AIXABIP?

Roberto - Associação Xakriabá acompanhou muito de perto particularmente do Barreiro deu muito apoio e tal etc mas o convenio da Itália com os Xakriabá foi mediada por uma Associação da Bahia que chama ANAI e dirigida pelo Guga um antropólogo e chama Luiz Alberto? José Augusto Laranjeira e que topou fazer isso gratuitamente deu um apoio imenso então a gente que fazia emprestava contas para eles né ANAI (Associação Nacional Indigenista) essa Associação não existe mais? Que bom! e eles que fizeram essa mediação foi uma coisa ótima né porque era uma relação de confiança muito grande e mais para o final para fazer a cobertura central e etc nós tivemos que usar outros projetos, projetos de fundo de cultura, projetos via Fundep na UFMG e a coisa já ficava mais complicada né porque a ANAI, e os Italianos por exemplo quando os alunos começaram a ficar na na casa dos Xakriabá as vezes ficava lá uma semana comendo e dormindo podia fazer conta de graça né então a gente combinou um valor por exemplo R\$ 10,00 por dia para dormir e R\$10,00 por refeição entendeu mas eu não tinha como pagar isso diretamente então em alguns casos eu ia na mercearia do seu Manuel ali no Barreiro mesmo etc e e dava ele um dinheiro entendeu que as pessoas depois retirava em mantimentos então isso aqui vai para o Hilario isso aqui vai pro Odair não sei o que tal e ele me dava recibo em papel de pão né eu escrevi no papel de pão recebi do senhor Roberto Montemor não sei o que importância relativa mantimentos não sei o que aquilo ali era o recibo que eu prestava contas para a ANAI né então isso deu ou seja que eu tô querendo dizer o seguinte essa essa relação de confiança e etc de uma flexibilidade fundamental os trabalhos que você tinha coisas vai carregar palha de arroz não sei onde né para fazer o tijolo refratário lá no coisa vai buscar a palha em tal lugar vai trazer enfim até pagar João Paca que ele chama? ...Antônio Paca, Seu Manuel o pessoal que fez telha por exemplo né você não tem nota fiscal para essas coisas então isso deu uma flexibilidade muito grande muito bom o processo de trabalho com eles foi muito tranquilo.

Ana - Muito legal isso que você lembrou por que foi uma relação de confiança né que viabilizou um estilo de trabalho de construção e de práticas que por outras vias não teria sido possível.

Roberto - Não e depois quando acabou quando a gente começou a usar aqueles projetos do fundo de cultura não sei o quê era um trabalho imenso tinha muitas vezes que tinha que fazer gambiarra né.

Ana - A construção como foi feita com um processo tão participativo não teria sido possível.

Roberto - Isso é uma coisa lamentável né porque a tendência é isso é igual a história é que eu tava te contando que ele ficou mais fácil contratar uma empresa para fazer entendeu mesmo que você fosse um caso meu primo lá na fazenda por exemplo, mais fácil entendeu contratar uma empresa, caba que a forma empresarial etc que você porque a outra preocupação era essa né quer dizer é que esses 60.000 euros Foi sim o máximo gasto ali entendeu e não comprando material lá fora em casa de casa de material de construção etc, desde o início a ideia de 60.000 euros fossem pros Xakriabá a única coisa que saiu dali além de prego essas coisas essas coisas né evidentemente pequenas foi a madeira de eucalipto o resto o dinheiro ficou todo ali dentro, pagou as pessoas na mão de obra pagou quem fez telha, apagou quem foi buscar palha pagou, pagou que dizer foi todo guardado ali dentro né

Ana - Eu estava Lembrando com Erick a história da construção das escolas que as primeiras escolas ainda foram mais discutidas né só o formato do projeto né não a construção em si as que vinheram depois nem formato projeto é ai que vira uma lógica empresarial de gente de fora que vai lá e executa

Roberto - Eu fico querendo ainda né não me lembro se foi o Zé Nunes ou Marcelo um deles fez um trabalho de graduação sobre uma cooperativa ou Associação de construtoras tem um monte de gente ali que sabe construir, que são bons pedreiros, né não só o Odair tem vários outros né na verdade entra lá a Coab, entra lá não sei o que e entra lá para construir e no máximo e que na construir esses caras entram como ajudante de pedreiro quando na verdade se podia ter organizado um processo construtivo né que fizesse alguma base desde a ideia nessa época foi formar a gente um pouco nesse sentido agora a gente pagava pouco então o que acontecia pessoal começava a trabalhar trabalhava três quatro cinco meses aprendia e aí queria ganhar mais aí tinha uma proposta fora de ganhar mais aí saía então entrava um outro novato

daí ele ia treinar de novo né mas assim como o objetivo era muito desse aprendizado essa isso mesmo a Casa de Cultura seria até bom saber quantas pessoas foram formadas ele foram muitos por que foi uma política específica nem aí que que na verdade também funcionava no local.

Entrevistador - como que veio também, tipo foi bem expressado essa ligação da UFMG também nessa parte?

Roberto - Bom a UFMG foi o começo de tudo né porque

Ana - O convenio era com a UFMG também o convenio tinha vários parceiros então tanto que teve uma cerimônia do convenio na UFMG e ai aparece a Vice- Ministra da Educação, o Mauricio que não me lembro o nome dele que era da Província de Monaco o representante oficial da Província de Monaco o representante dos ISCOS que era o Enrico Justin os representantes dos Xakriabá né pelo convênio assinado pela UFMG e o Reitor né a Provincia de Monaco a ANAI e Associações Xakriabá então foi feita essa cerimônia primeiro na UFMG e depois eles viajaram para Aldeia e todas as lideranças as Associações participaram da cerimônia de assinatura do convênio na Aldeia tem a foto disso, tem a foto com todo mundo participando era uma parceria ampla.

Entrevistador - Sobre essa Vice- Ministra Italiana que citaram ai que vieram né como foi articulada essa visita e qual a finalidade?

Roberto - Na verdade eles vieram aqui para assinar e aí teve essa cerimônia aqui na UFMG com o Reitor e ai nós fomos na Terra Indigena e ai eles foram recebidos na Camara Municipal, a Camara Municipal participou também que tem esse dado interessante que tinha uma vereadora não Xakriabá que falou para eles que nós sabemos que vocês estão aqui por causa dos Xakriabá eu não sou Xakriabá mas gostaria de ser, por que eu me lembro essa primeira carreta do Zé Nunes que foi o primeiro dia que eu cheguei lá em missões agosto de 2004 inclusive fui conversar com Dé e com outras pessoas que eu conheci naquele dia que eu tava chegando de tarde e chegaram 3.000 Xacriabás, caminhão, moto, você devia está lá, menininho talvez 2004? Que idade você tinha?

Entrevistador - 2004 eu tinha uns 10. mod De nada menininho talvez 2004.

Roberto - Uns 15 anos você devia está lá também né mas foi impressionante assim caminhões e caminhões cheios de um monte de moto um monte de cavalo ônibus foi a primeira coisa do Zé Nunes e eu me lembro não me lembro se foi o Dé alguém que eu conheci que Ana me apresentou e tal me disse assim tipo ai eles gostam escorraça gente aqui hoje nós entramos tomar a cidade quero ver eles escorrasar a gente uma coisa impressionante a muança né muito significativa

Entrevistador - Foi um momento de reotomada mesmo né.

Roberto - Foi, foi e de fortalecimento político de poder ali já tava mais ou menos claros que o Zé Nunes ia ganhar.

Entrevistador - Eu também fiquei pensando aqui o que você citou algumas coisas aí também nesse sentido é como se pensou a geração do conhecimento na Casa de Cultura?

Roberto - Pois é eu acho que tem algumas dançadas na uma das coisas que a gente não mencionou ainda é que a Casa de Cultura gerou um diferencial em relação as outras aldeias né o fato de estar no Sumaré foi uma coisa muito específica né porque tinha um terreno porque era em frente à casa do artesão principal na época que era o Dé né e ele ia assumir isso então foi para o Sumaré mas evidentemente aquilo não é do Sumaré é do Xakriabá como todo, então começou a conversa que tinha criar Casa de Cultura em outros lugares e aí o que estava por trás o tempo todo era a ideia do artesanato então acabamos fazendo um projeto do Fundo de Cultura né que eram três Casas de Cultura, uma na Pindaibas, Riacho do brejo não, como chama Pedra Redonda e o outro na Veredinha entendeu e aí nós e aí o que nós fizemos dentro dessa mesma coisa foi o seguinte pedir as pessoas desses lugares para desenharem o que que eles estavam querendo na Casa de Cultura em vez da gente propor alguma coisa então foi interessante porque o pessoal da Pindaibas desenhou por exemplo desenhou uma coisa igual aquela escola do Barreiro quadrada com as bordas aqui arredondadas então e aí nós adaptamos e coisa e tal o pessoal da Veredinha desenhou uma casinha de Cultura igual a outra cortada no meio na metade Você já viu lá do mesmo jeito tal etc e o seu Emílio misturou a casa da escola que é do Brejo também padrão da escola só que o meio coberta de palha estão com uma em vez de ser aquele negócio Comprido era uma coisa Redonda de piso de chão e tal e etc coberta de Palha com os

dois lados se assemelhando a coisa então foi interessante porque a tradução da Casa de Cultura foi uma cada Aldeia fez uma produção diferente né e da Pindaíba foi a que fugiu mais da Casa de Cultura e aí nós fizemos um projetinho a partir disso agora o que a gente descobriu depois é que na verdade a exceção do Dé que jantava meninada de para trabalhar trabalhar com ele no fundo as pessoas fazem artesanato em casa ninguém vai para um lugar para fazer artesanato, então as pessoas faziam em casa então as casinhas artesanais em si não fazia sentido né são mais são mais casas adaptadas para cultura eu não sei como é que tá por que faz muito tempo que eu não lá na Pedra redonda né eu vi uma foto de uma vez que tava meio derrubado assim alguém foi lá e tirou a foto mas o seu Emilio fez logo tradução dele aquilo ali não era artesanato ele queria um espaço de celebração por isso aquele miolo de chão batido e coberto de palha ou seja o resto era apetrecho lugar de guardar coisa e tal e o pessoal da Veredinha não sei porque ali não sei também pode ser até que funcione como centro de artesanato não sei não sei por causa da Zeza da mãe do Nei pode ser usado de alguma forma mas foi interessante isso né E aí a gente viu que uma outra coisa que eu agora descobri que não é verdade que eu também achei que era uma leitura errada que a gente tinha feito foi essa história da arquibancada vem porque eu condicionei uma certa maneira o desenho da Casa de Cultura a existência das casinhas e da arquibancada assim insisti nisso bati o pé, tem que ser aberto cortado, Seu Emilio até me perguntou mas esse corte por que fecha e falei se fechar não dá para ver não pode fechar então quando fazer a cobertura central não pode fechar então vai tampar quem tiver na arquibancada e aí fiquei achando que depois que aquilo não era usado que essa coisa de arquibancada era coisa de branco na verdade o povo senta em volta da roda e tal né mas agora já última vez que eu fui lá o Odair me disse acho que você também me disse que não, o povo usa mesmo centro ali então por que quando nós fizemos a pesquisa da economia teve muita coisa que a gente, apesar de vários encontros discutindo montando o questionário junto com eles e tal etc teve várias coisas que a gente não não soube ler né não tinha informação suficiente

Ana - É Legal isso lembrei que a casa começou a ideia fazer uma construção pudesse dar vazão para atividades variadas ligadas ao artesanato, ligadas a venda esse engano esse equívoco que achar que o artesanato ia ser produzido que todo mundo ali, descobrimos que não esse é um lugar só que comercial só de artesanato aí tem aquela

bancada ali na frente foi feita para começar também comercializar que nunca foi usado... chamar Casa de Cultura jeito de falar isso tudo

Roberto - E ai depois de toda essa conversa.. mais o Cacique Domingos depois queria que fizesse uma casinha naquele triânguzinho do Brejo que fica pertinho ali da... estrada naquele triangulinho ali nós fizemos um projetinho até que era para cumprir essa função meio de exposição e venda de artesanato entendeu. Então ali no Brejo por que todo mundo chega mais fácil e traria artesanato de todas as bandas fazer ali e acabou que nunca foi construído e outro desdobramento da Casa de Cultura também foi que não acabou acontecendo foi a Casa de Rancharia que ai eles começaram a querer uma Casa de Cultura e a gente começou a discutir com eles e tal acabamos comprando o material e eles não construíram e era grande era parecida com essa só que uma elipsis redonda só que uma elipsis um projeto até interessante.

Entrevistador - Meio que você citou também como que foi a ideia da.. de a Casa de Cultura ser usa como local de fortalecimento econômico?

Roberto - Na época a gente achava inclusive que tinha três pilares principais eu diria que tava se pensando a economia uma era essa venda pra fora pra conseguir dinheiro a gente chama de base exportadora seria duas coisa principais o artesanato de um lado e a outra a produção de alimentos ou de coisa tipo favela, chegamos a pensar em medicina fitoterápica também nessa coisa produção de alimentos seria exportadora mais interna por que a ideia principal era vender alimentos para as escolas então isso era coisa principal e a outra era essa do resgate construtivo que podia significar, não deixar que o dinheiro saísse isso é uma coisa que continua que agora inclusive outro dia eu fiz uma reunião com o pessoal da arquitetura e vamos lá em maio eu te aviso direitinho eu quero inclusive que você vai lá em casa para a gente conversar com eles essa coisa e tal o pessoal da arquitetura que eu digo são dois professores principal são três eu acho e dois alunos que já andaram lá que tiveram na Caatinguinha, você deve conhecer o Adriano, mais Fred que foi aluno meu eu estou envolvendo eles naquela historia, e nessa conversa voltou um monte dessas coisas né então uma das coisas era você fortalecer a economia interna entendeu, então essa história de que o dinheiro ficar todo lá, então uma das coisas que se pensou é que ali você poderia um mercado, um espaço de trocas de mercadoria semanal uma coisa assim, depois a gente viu que existia resistência pode ser que 15 anos depois a coisa não esteja assim né mas na

época essa coisa de que com parente não se negociava ficou bem clara em algumas conversas o negócio da favela por exemplo o pessoal preferia para o atravessador do que vender internamente a outra coisa que a gente descobriu que a produção não era suficiente pra vender né mas a gente tinha pensado duas linhas principais através da prefeitura criar um mercado em São João que pudesse levar os produtos e criar pontos de mercados internos então a Casa de Cultura teria esse papel um centro de mercado e tal etc além do depositário. O Dé queria fazer um museu ali do lado de fora, ali não pode fazer né ele tinha uns e eu andei vendo moenda das antigas, tinha uma em Rancharia bem bonita que o seu Agenor e outra Seu Pedro a moenda inclusive em fim tem uns objetos grandes assim que o Dé queria botar do lado de fora uma espécie de museu vivo e tal então ele era um pouco isso também né que de fortalecer a coisa da cultura de um lado e criar um espaço para comercialização interna e eventualmente externa as pessoas fosse buscar nós chegamos a pensar em fazer produzir a partir da Casa de Cultura alguns objetos entendeu assim por exemplo ladrilho hidráulico com tema Xakriabá quando a gente vai discutir o piso que agora o Odair está propondo que se retome piso né a gente fez uma série de discussões e fomos aqui a fábrica de ladrilho hidráulico aqui para ver como é que podia ser tão certo e aí acaba optando por fazer o piso um pouco seguindo o piso das escolas né as coisas coloridas mas uma das possibilidades foi essa que produzir para hidráulico com temas Xakriabás e Cerâmicas também é com temas Xakriabás tinha uma época que eu fazia uma campanha muito grande entorno dele... panela de barro todo mundo ganhou panela deu panela de barro para todo mundo eu achava um absurdo o povo não usar panela de barro só seu Emilio que usava né agora tá voltando né o povo tá produzindo panela de barro

Entrevistador - Essas coisa de voltando depois de Construída a Casa de Cultura muita foi retomando o pessoal foi percebendo o valor a questão do artesanato de usar o artesanato de produzir e vender.

Roberto - Você acha que tem a ver com a casa de cultura?

Entrevistador - Eu acho que tem depois que veio essa visibilidade da casa o pessoal abriu mais o olho para essas coisas e hoje tá voltando com mais força e essa questão do envolvimento dos jovens também, essa questão do artesanato de barro tá muita gente tá fazendo, muita gente tá distribuindo, pulseira feita de osso, colar.

Roberto - É o Odair me mostrou e você também naquela festa junina, muito artesanato.

Entrevistador - Mais uma coisa aqui também que a gente discutindo com Ana também ver as ideias de como que foi o processo de fortalecer a cultura com a construção da casa tipo isso de fortalecer a cultura como construção e não colonizar nesse processo de construir, que é de grande impacto para um povo? Assim quando você leva um projeto pro um território você leva ele põe ali é como se tivesse colonizando o povo né coloca na construção ali dentro, mas aí você vem com projeto de Casa de Cultura tentando fortalecer cultura do povo né não tentando colonizar mas sim fortalecendo?

Roberto - A ideia era essa né essa coisa de por que essa é uma questão que passa por um passa vários outros contextos e não apenas aquela Casa de Cultura que essa coisa de a gente não quer voltar ao passado você quer resgatar o passado a partir de uma visão de presente até de futuro que uma certa forma né então a ideia é um pouco essa quer dizer como é que a gente pode por que construir com um barro com adobe, com pau a pique né Então as condições não existiam mais madeira de lei já foi pras cucuias né, então hoje a madeira que se usa é o nome dele é precária o adobe mal feito as tecnologias do século 18 e 19 né ela veio se degradando na verdade tanto evolução dos materiais tanto quanto em função da própria habilidades das pessoas então a gente pensou que bom nós temos que resgatar esse essas formas mesmo barro, madeira e palha, mas incorporando tecnologia então no caso do adobe foi isso né a opção em vez de fazer tijolo foi inclusive porque a gente tava numa preocupação de evitar queimada, evitar forno né porque tava tudo muito obrigado nem termos de Melhorou depois daquele programa proteção das cisternas a gente participou daquilo também né então a ideia foi essa vem incorporar solo-cimento por quê é muito pouco cimento você tá trazendo a tecnologia nova seca na sombra não precisa queimar nenhum abobe super resistente o negócio da telha porque quando se optou por telha de barro, então vamos produzir telha cobertinha lá de cima foi as duas casinhas ali de cima foi o seu Levino e que trouxe as telhas lá do Sumaré 3 que ele tinha lá para servir até meio de modelo para construção das telhas etc e foi um foi o estrangulamento foi um dos estrangulamento de Rancharia não tem mais ninguém sabe fazer telha segundo Abel e o outro menino

Roberto - Não sei como chama pai de Fernando...

Entrevistador - João de Nenê

Ana: Seu João de Nenê

Entrevistador - Seu João de Nenê parece..

Roberto - João de Neném?

Ana - João de Neném, Neném é a mãe dele..

Roberto - Dona Ana é a mãe dele não é as vigas todas, a cumineira todas de capim entendeu Já pensou a madeira maravilhosa eucalipto coisa e tal etc eles não sabem plantar ninguém sabe plantar teve um encontro daqueles do Gati lá que o Odair foi comigo no meio do mato com pai dele catar folha de capim Açú para levar para os cara do IEF para ver se os caras identificavam e aí Odair acabou levando para lá pra Januária lá pra Suzana pro IFET de Januaria entendeu para ver se ele conseguiu identificar como é que planta isso no final ele me disse que apareceram umas mudinhas que ele tava com umas mudinhas lá pequenininha parece que tem um esporozinho pequenininho que eu falava que não tinha semente então ninguém sabia plantar é uma madeira maravilhosa minha aí você tem além de Pau d'Arco você tem Ipês variados porque tem Peroba tem pau Pereira é madeira tem um monte de madeira maravilhosa mas ninguém tá cuidando disso de uma certa forma então foi uma pena porque madeira a gente não pôde ir trabalhar usando eucalipto mas é uma coisa é para resgatar eu não...

Ana - A gente fez varias viagens excursões dentro da terra né, nas aldeias olhando essas madeiras, não foi de uma hora para outra que se resolveu usar foi indo em vários lugares aprendi muito...]

Roberto - Ali, Ali em Rancharia você tem uma matinha de capim Açú, entendeu mas é um restinho, seu Emilio tem lá seu Emílio tem lá na Pedra Redonda alguns capim açú mas tudo pequeno, desse tamaninho assim entendeu nada que é muito significativo e principalmente isso ninguém conhece e ninguém sabe plantar conhece os velhos conhecem mas assim fora de lá ninguém conhece que eu já perguntei para muita gente ninguém conhece ninguém nunca ouviu falar que ninguém sabe plantar e Peroba Rosa, Pau pereira tem um monte Cedro tem um monte, ali no poções eu me lembro lá com seu pai não sei o que lá pau pereira, uns uns tem um curraizinhos né enfiado lá dentro né eu olhei a madeira madeira de altíssima qualidade aí aí não sei se foi o Dé ou alguém tava juntando aí é pau d'água, ipê, pau darco etc então, tem uma

coisa ai para resgatar essa madeira que que que a gente não conseguiu fazer ainda e eu não sei as sementeiras como é que tá funcionando cercaram lá 16 nascentes se eu não me engano e lá tem o histórico direitinho disso, morreu todas aquelas nascentes todas, eram 36 nascentes se eu não me engano e lá tem o histórico nós corremos aquelas nascentes todas eram 36 escolhemos 16 ao longo do processo lembro de uma no prata, como chama ali olho d'no pimenta pimenta, no olhão d'aguão ali embaixo em fim varias por ali né e a ideia era inclusive lá no seu Manoel dourado, não o outro de cima é o outro do Riacho dos Buritis que descia ali, Vitinho até foi lá comigo e Luciana, a mulher dele tinha um olho d'agua ali super legal ali tinha três que descia ali que vinham descendo assim de uma horta pendurada no... etc e tal então mas o gado ia lá beber etc.. então uma casa que fica baixo da aqui tá na escola aquela escola bonitinha do Riacho dos Buritis em que era aí você descendo assim é a casa desse Seu Manel que desce para o Poço ele ele é a única casa grandzinha ali e tal etc tinha uma horta legal inclusive mas a nascente estava muito sofrida muita coisa eu sei que fecharam parece que fecharam que tinha um problema como é que eu ia chegar e parece que tem uma encostazinha pesado ali né se você atravessar ali você vai a Virginio né né já fui lá.

Entrevistador - Aqui também sobre a proposta de reforma da Casa?

Roberto - Pois é eu acho que tem essa questão... a gente... acho que o material ficou faltando teve muito palpite na época tá boa um monte de coisas né mas a gente acabou usando palha de Buriti que não me parece uma coisa boa para cobrir a palha, precisamos achar uma palha descente tem o indaia, tem irnaja, aquele piquinininho mas a palha é um pouco pequena tem esse que o essa aqui Odair chama de gabiropa que tem lá acho que em principalmente Montalvânia principalmente acho em grande quantidade certa que eu tenho que fazer um pode ser tem uma tecnologia da palha aí que tem que ser desenvolvida eu tava querendo que esses meninos arquitetura ajudasse nisso inclusive nessa questão onde que nós estamos com pouco recursos então acabamos não comprando na segunda etapa é eucalipto tratado pra tudo tem uma parte que foi maltratado então uma parte daquelas guias que vocês levantaram vão ter que ser revista é é algumas pequenas coisas que são normais né 10 anos aí de desgaste de uso tava dizendo que eu ligo aí botou lá uma coisinha que eu queria desde o início botar areia branca naquela área central sempre fico satisfeito com isso e acho

que tem que essa ideia que a gente teve na conversa lá tal que era de criar uma comissão né, um grupo de gerenciamento eu acho fundamental porque agora esse movimento do Odair foi significativo que parece que o rapaz vai que liderança agora João de João que ele chama? Do Sumaré.

Entrevistador - do Sumaré? Domingos?

Ana - é Domingos, é Domingos.

Entrevistador: que é vice liderança, sem seu Levino e o Domingos que é o vice.

Roberto - Domingos de onde?

Ana - não é o de Nira não

Roberto - não é o de Nira e me o que é irmão do Dé, domingo é irmão do dé né?, mas não é esse não. Domingo irmão do dé que é professor da pindaíba... Alguma coisa assim né, pindaibas não nas vargens, esses domingos é lá do Sumaré III?

Entrevistador - Esse domingos é do Sumaré mesmo, o João que você está falando é o cacique lá no Sumaré III, João de Jovina.

Roberto - pois é não, mas esse João de Jovina que tá...

Entrevistador - Ele também teve umas ideias, de fazer mutirão pra mexer na reforma da casa.

Roberto - Ele queria mexer lá, foi ele que o Odair disse não não, não pode mexer sem falar com o Roberto, não sei o quê e já construiu algumas coisas lá inclusive eu tô querendo dizer o seguinte e que tem realmente um patrimônio histórico que não pode deixar perder então seria importante pensar nesse processo de gestão tem um recurso permanente eu acho que aquele ali pode ser muito dinamizado né pode ter mais coisa acontecendo. Então uma das coisas para gente conversar daqui para frente nessa história aí de meter os meninos da arquitetura nisso da textura nisso era inclusive Isso quer dizer tentar resgatar algumas coisas que foram que foram pensadas, uma delas que voltou à agora de novo é a história de uma moeda Xakriabá eventualmente se pensar numa moeda e até mesmo banco popular né emprestasse dinheiro e tal então uma coisa para ser discutida mais amplamente mas já foi discutido atrás em grandes linhas com esse objetivo de você dinamizar um pouco as relações

internas ali e evitar o vazamento de dinheiro pra fora .. é uma experiência que já existe eu tenho um aluno inclusive terminando doutorado agora sobre isso especificamente a gente conhece várias experiências por aí afora e e o pessoal foi de massa simples de coisa tipo de conversa outra seria esse processo de gestão né O Adriano tá fazendo um trabalho começando pelo menos com alimentação né então ele trouxe aqui três senhora existe eu tenho um aluno inclusivo terminando doutorado agora sobre isso especificamente a gente conhece várias experiências por aí afora e e o pessoal foi animado assim de com esse tipo de conversa outra seria esse processo de gestão né o Adriano tá fazendo um trabalho começando pelo menos com alimentação né então ele trouxe aqui três senhoras

Ana - As mestras que constroem as casas da Caatinguinha e eles também cozinham

Roberto - São o que?

Ana - As mulheres da Caatinguinha que constroem as casas, essas que ele trouxe.

Roberto - É, mas não é a Libertina

Ana - A Lurdes a Libertina são elas.

Roberto - É, é Teresa não

Ana - É, mas foi agregando mais pessoas do núcleo da Lurdes e da Libertina.

Ana - Olha quem veio foi Lurdes, libertina veio uma vez que elas já vinheram mais de uma vez né, veio umas duas ou três, mas o contato é a partir daí.

Roberto - Mas veio fazer comida aqui na FAE?

Ana - Elas vinheram para fazer a Casa e também fizeram a comida, entendeu a coisa era mais ligada a casa, refazer as pinturas da Casa, cozinham também, ta bom, depois pergunta para ele melhor.

Roberto - Mas não é só por que houve essa conversa lá em casa né eu te falei que a próxima vez vou te chamar e a ideia foi retomar meu... objetivo central quando eu entrei em contato com ele e particularmente com Adriano era envolver na reforma da casa, então a coisa da palha a coisa da madeira entendeu aquelas coisas que a gente debateu mas na conversa foi ampliando nesse sentido de usar a reforma da Casa de Cultura criar um processo permanente de acompanhamento e tal etc ele tava tendo um contato mais próximo do Joel então seria conversar com Joel sobre isso a outra coisa era a partir da Casa de Cultura, da Rádio, dessa coisa de alimentação dessa coisa eventualmente da economia, eventualmente de cursos de construção entendeu formar essa Associação de construtores e e enfim e vendo se juntava fazia aquilo ali

uma espécie de polo criativo uma coisa qualquer assim isso ai tem que devagarzinho a coisa mais objetiva é arranjar um dinheiro, o Odair me falou no telefone assim grosseiramente que ele achava que ficaria entre R\$ 20.000,00 a 25.000,00 mil reais na reforma da Casa, naquele seu coisa do TCC vocês não botou o valor né mas ele tem um levantamento que me disse que foi a Januária foi a Itacarambi ver os preços já dava até para ligar para ele... então os meninos tem um dinheirinho mas é para viajar não é suficiente para fazer uma reforma desse tipo mas ele acha que consegue tem caminhos para conseguir a gente... você levanta lá né aquela hipótese do Hilário que era da emenda parlamentar existe as multas, eu tenho um aluno que conhece bem o pessoal do Ministério Público, Wesley é muito amigo da chefe do Ministério Público Doutora Marta Rocha, e tal uma das coisas é tem multas ambientais que o ministério diz onde é que vai gastar entendeu então você tem um projeto você deixa lá eventualmente multou o Fulano lá não sei a onde uma mineradora dessas aí pega o dinheiro e gasta lá no Xakriabá, então a gente tem que.. a ideia agora é o seguinte a gente ir lá eu falei com Adriano que eu poderia até dia 20 e poucos de Maio ou então em junho e pensando ir até de carro então... e e sentar com vocês você vai tá aqui não sei, e ai a gente vê como faz ai, falar com o Odair etc, e esboçar o projeto todo e aí voltar aqui fechar o projeto e ter ele pronto e aí então sair contando dinheiro como tocar isso... mas, mas já com essa ideia eu até tinha pensado nisso mas não tô ,não fui eu que levantei foram eles que levantam eu levantei mais assim precisamos recuperar Casa de Cultura não deixar ela se degradar e tal etc. e aí na conversa surgiu esse monte de outras coisas poderia fazer a partir daí então seria ver a cozinha lá em cima como é que tá se vale a pena ampliar que realmente uma coisa te propõe também ai gente foi lá naquela história de construir o banheiro que agora fechada tem banheiro também né E aí podia resgatar o do o projeto do Vítinho de fazer um banheiro seco né uma coisa que já existia mais ou menos isso.

Entrevistador - Então é meio que voltando no começo de novo né de fazer plano né, não impor, más sim construir o projeto junto.

Roberto - Tem que ser.

Relato de um Professor e liderança Xakriabá

Nome: **Weliton de Oliveira Santos**

Idade: **28 anos**

Formação: **Ensino médio**

Profissão: **Professor de Arte e Cultura, Liderança e Presidente do Conselho Local de Saúde.**

Aldeia: **Sumaré 03**

Data da entrevista: **10/07/2018**

A importância hoje do artesanato Xakriabá, tem muito sortido efeito de uns tempos pra cá, depois de alguns trabalhos que teve hoje mesmo se analisamos pela Casa de Cultura que hoje temos aqui como um ponto de referência muito importante que através dessa casa hoje tem incentivado muito os jovens muitas pessoas a estar desenvolvendo essa prática do artesanato, antigamente o artesanato não tinha valor, não tinha esse desenvolvimento que hoje está tendo no nosso território. Hoje mesmo no nosso território tem muitos jovens formados e muitos têm a habilidade de estar mexendo na parte do artesanato e não estava tendo esse incentivo de estar sim voltando, muitos mesmos saíam para fora em busca de emprego, corte de cana até mesmo outro meio de trabalho. Mas com o incentivo da Casa de Cultura que os jovens estão vindo e desenvolvendo o artesanato. Só que ainda vejo uma dependência de uma conversa mais focada nesta parte para incentivar ainda mais os jovens por nos ser um território de grande população, precisamos ainda mais de jovens envolvidos na produção do artesanato. Já que temos o apoio de estar divulgando o nosso artesanato, que é um ponto muito estratégico, se olharmos pela aparência da Casa de Cultura ela poderia ter uma estrutura mais diferente, mas como ela é voltado mais pela parte cultural, se nos olharmos e analisarmos as paredes delas foi construído com as pinturas Xakriabá, as pinturas do nosso povo, e tem sortido muito efeitos, agora mesmo ela está precisando de uns retoques, a gente está junto com a comunidade trabalhando para ver o que a gente consegue para melhorar para não deixar acabar e vem incentivar por que através dessa Casa de Cultura tem muito a progredir, além da casa tem as Mini Casas em algumas aldeias. Vejamos também uma grande importância da casa de cultura que foi a Rádio Xakriabá, que é um meio de comunicação, muito importante para o nosso povo Xakriabá.

Anexo II- Reforma da Casa de Cultura Xakriabá

Reforma da Casa de Cultura Xakriabá

Anotações da reunião no dia 10 de novembro 2018,

Presentes: Odair, Domingos (vice-liderança do Sumaré), Edvaldo (Dé), Erick, Marilene, Ana Gomes e Roberto Monte-Mór

1. **Proposta de um projeto** para a Casa de Cultura para buscar recursos para sua reforma e manutenção permanente. Os graduandos Erick e Marilene, que estão fazendo seus trabalhos de conclusão de curso no FIEI sobre a Casa de Cultura, devem incluir parte das propostas nos seus trabalhos;

2. **Ações imediatas:**
 - a. trocar as duas linhas da cobertura central que estão danificadas
 - b. recuperar os tijolos que estão estragados em alguns dos blocos
 - c. recuperar degraus das escadas em todos os blocos
 - d. eliminar os focos de cupins que já se manifestam

3. **Ações de médio prazo**
 - a. Construir uma canaleta junto à arquibancada para desviar a água de chuva que desce como enxurrada desde o morro e fica empoçada na área central da Casa
 - b. Colocar piso de areia branca em toda a área central
 - c. Substituir palha da cobertura central, buscando alternativa ao buriti
 - d. Fazer amarração com cipó das madeiras de vedação
 - e. Montar sistema de proteção anti-fogo da cobertura central. Odair sugere sistema com mangueiras furadas que percorra toda a cobertura, ligada a um sistema de água. Pensar proteção anti-fogo para os blocos.
 - f. Impermeabilizar as madeiras como um todo (a maior parte é de eucaliptos tratados, mas há necessidade de passar cupinicida e talvez usar um verniz forte, tipo de barcos, para proteção mais permanente
 - g. Projeto de eletrificação que atenda às necessidades gerais
 - h. Pensar solução para a construção de sanitários para situações de festas, comemorações, etc. Proposta original era banheiros secos, fora da Casa.

- i. Pensar a 'governança' da Casa: comitê para apoio e gestão permanente

4. Recursos possíveis

- a. Prêmio de Cultura → R\$ 25.000,00
- b. Buscar recursos no Exterior → Itália? Alemanha? França?
- c. "Crowd funding" → vaquinha entre apoiadores
- d. Emenda parlamentar do Padre João (conversa com Hilário)

RELATÓRIO DE PROPOSTA DE REFORMA DA CASA DE CULTURA XAKRIABÁ

Este relatório se refere à proposta de um projeto para a Casa de Cultura Xakriabá para buscar recursos para sua reforma e manutenção permanente em que os Graduandos Erick e Marilene, estão fazendo seu trabalho de conclusão de Concurso no FIEI sobre à Casa de Cultura Xakriabá, estarão incluindo esta proposta em seu trabalho para que embase a proposta para captação de recursos que fomente a reforma e manutenção da Casa de Cultura na Aldeia Sumaré I – Terra Indígena Xakriabá.

Em uma reunião no dia 10 do mês de novembro do ano de 2018, com a presença de Odair, Domingos Cardoso (Vice-liderança da Aldeia Sumaré I), Edvaldo (Dé), Erick, Marilene, Ana Gomes e Roberto Monte-Mor. Foram levantadas ações para que se possa por em pratica a proposta, se possa realizar a reforma e manutenção da Casa de Cultura Xakriabá bem como instituir um grupo gestor para dar continuidade a atividades que possibilitem contribuir para o objetivo inicial de fortalecimento da cultura e praticas culturais do povo Xakriabá que também é um marco de luta para o povo. E diante de ações levantadas foi feito um encontro no dia 27 do mês de Dezembro de 2018, com Odair, Marilene, Erick, Fernanda e a Liderança Levino para analise das ações discutidas na reunião anterior que poderão ser realizadas a curto e médio prazo, bem como mapeamento de editais para escrever projeto de captação de recursos para a reforma e manutenção da Casa de Cultura.

Dentre as ações propostas descrevemos as seguintes:

As ações de curto prazo:

- A troca de toda a cobertura central da Casa de Cultura devido à madeira utilizada não ser tratada e a mesma é coberta de palha de buriti utilizado há dez anos e necessitando de reforma. A madeira da cobertura será reutilizada para o conserto em geral, desde as portas de outros blocos, e a ornamentação do espaço em volta da casa de cultura com palhoça, cabana dentre outros ornamentos da cultura. A troca é urgente devido à movimentação e reuniões ou eventos com muitas pessoas, correndo o risco de acidentes;

- Outra ação que deve ser feita durante a troca da cobertura é a de sistema de prev fogo aproveitando os andaimes para trabalhar na cobertura. Esse sistema é de suma importância devido o risco de propagação de fogo, quando se utiliza fogueiras nas noites ou eventos culturais. A utilização de fogos de artifício nos eventos ou pessoas da comunidade ou ainda o uso de fiação elétrica nas dependências da Casa de Cultura;
- O acréscimo de duas linhas sobre o terceiro e quarto bloco devido quando é feita a troca ou retelhamento do telhado balança e acaba tirando as telhas do lugar, ocasionando goteiras e vazamentos;
- A recuperação dos tijolos que estão estragados em alguns blocos;
- Recuperação dos degraus das escadas em todos os blocos e também impermeabilização para evitar a propagação de cupins e aumentar a vida útil da madeira, bem como a eliminação de focos de cupins e caruncho que já se manifestam;
- Construção dos Banheiros Secos fora da Casa de Cultura de acordo com a proposta inicial devido receber reuniões, assembleias, eventos culturais que tem aglomeração de muitas pessoas;

Ações em médio prazo:

- Construir uma caneleta junto à arquibancada para desviar a água de chuva que desce como enxurrada desde o morro e fica empossada na área central da casa;
- Aumentar a largura do telhado dos blocos I e II, quando chove acaba molhando dentro dos blocos;
- Trocar um esteio que fica no vão entre os blocos I e bloco IV;
- Colocar piso de areia branca em toda a área central;
- Reforma de portas de dois blocos de acordo com os outros dois blocos;
- Fazer amarração de cipó da madeira de vedação;
- Projeto de eletrificação que atenda as necessidades gerais, bem como manutenção continua para evitar acidentes;
- Reforma do alojamento da Casa de Cultura;
- Fazer os pisos dos blocos de acordo com a ideia inicial do projeto;
- Instituição de um comitê para apoio e gestão permanente;

Dentre as ações que necessitam serem feitas deverá ser feita um mapeamento de capitação de recursos possíveis dentre eles poderão ser:

- Prêmio Cultura;
- busca de recursos no exterior: Itália, Alemanha, França;
- “Crowd funding”, vaquinha entre apoiadores;
- Emenda parlamentar como, por exemplo, do Padre João (Conversa com Hilário);

Materiais a serem utilizados nas ações de curto prazo:

- Palha de Buriti;
- Aluguel de Andaimes;
- Tabuas;
- Parafusos;
- Pregos;
- Transporte de tabuas
- Madeira de eucalipto tratada
- Mão de obra;
- Mangueira flexível resistente ao sol;
- Canos;
- Deposito de água;
- Bomba de água;
- Cimento;
- Areia;
- Verniz forte (tipo de Barco);
- Impermeabilizante;
- Cupincida;

Anexo III-Situação atual da Casa de Cultura Xakriabá, deterioração a serem recuperados, melhorados ou substituídos.



Imagem 39: Enxurrada inundando a arquibancada e o pátio central da casa. –
Fonte: Próprios autores.



Imagem 40: Estrago nas portas. – Fonte:
Próprios autores.



Imagem 41: alagamento no interior da casa, provocado pelo telhado que está estragado. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 42: estrago na tesoura do telhado central ocasionado pelo apodrecimento da madeira. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 43: apodrecimento das madeiras dos blocos internos. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 44: tabuas molhadas do segundo piso devido à goteira da chuva. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 45: estrago em um dos pilares central da casa. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 46: janela com infiltração da água da chuva. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 47: invasão da enxurrada na arquibancada e pátio central. – Fonte: Próprios autores.



Imagem 48: erosão no quintal e infiltração na parede da casa. – Fonte: Próprios autores.

Anexo IV- Análise da documentação do projeto.

Nesta parte do nosso trabalho analisamos vários documentos que falam sobre o projeto e citamos as partes mais importantes e que nos guiaram para que o mesmo tivesse andamento.

1) Projeto Casa de Cultura Xakriabá

Associações Indígenas Xakriabá

Prefeitura de São João das Missões

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Instituto Sindacale per la Cooperazione allo Sviluppo (ISCOS)

Abril 2005

2) Associações Indígenas Xakriabá

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Província de Modena (ITÁLIA)

ISCOS / Emília-Romagna

Projeto Casa de Cultura Xakriabá

Relatório de Atividades

Agosto de 2007

3) Projeto Casa de Cultura Xakriabá

Subprojeto

Revitalização das práticas tradicionais

De produção de artesanato em cerâmica e outros materiais nas comunidades Xakriabá

Faculdade de Educação, FAE / UFMG

Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ / DPSIC – LCCM

Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

Setembro de 2007

Segunda fase

4) Projeto Fundo de Cultura (Nei Leite e Marcelo Franco)

Mini-casas de cultura

Terceira fase

5) O Ponto de Cultura “Loas Xakriabá”

Associação Indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABP)

Inscrição no programa mais cultura – Ponto de Cultura

Paulo Eduardo Rocha Brant – Secretário do Estado de Cultura de Minas Gerais

Ministério da Cultura e Secretaria Estado de Cultura de Minas Gerais

07 de Março de 2008